

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O impacto do Envolvimento Paterno e dos Estilos Parentais nas Relações
de Coparentalidade – Um olhar sobre a Parentalidade

Carolina Alexandra Rodrigues dos Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:

Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2018

“Somos casas. Quem está de fora, não sabe o que se passa dentro das nossas paredes. Às vezes, há quem entre e veja todas as fissuras e imperfeições. Então há os que fogem a sete pés, com medo que o tecto caia. E os que ficam: na esperança de um dia morarem em nós.”

Pedro Rodrigues

AGRADECIMENTOS

“*Grateful*”. Em português, grata. Palavra que fiz questão de tatuar no meu corpo, para jamais me esquecer de agradecer tudo aquilo que a vida me oferece. E agora que me encontro a terminar mais uma etapa do meu percurso académico, é sem dúvida, o momento ideal para agradecer.

O meu primeiro agradecimento vai para minha orientadora, Doutora Professora Lígia Monteiro, pelo rigor, pela persistência, pelo cuidado, pelo apoio e pela orientação.

Ao ISCTE-IUL pela formação prestigiada que me ofereceu e oferece.

Depois, agradeço aos meus pais e irmã, que são o colo dos momentos difíceis e os aplausos orgulhosos de cada vitória.

Ao meu sobrinho, meu homenzinho pequenino, que por toda a sua história é a minha inspiração diária, meu exemplo de força, de felicidade e de amor.

Ao Ricardo, por ser mais que cunhado e amigo, o irmão que eu não tive.

À minha fiel companheira de quatro patas, por nunca me abandonar nos serões incontáveis de trabalho, aguardando pacientemente que eu possa brincar com ela.

Um agradecimento muito especial à Raquel, à Mafalda, à Cristina e à Paulinha, por terem sido incansáveis comigo. Agradeço também aos responsáveis pelas respetivas instituições, às educadoras e pais que aderiram ao estudo, tornando-o realidade.

Ao Tiago, por me ter visto crescer e por me ter ensinado que a vida não pode ser levada demasiado a sério.

À minha Maria, por ter regressado à minha vida num momento crucial, pelos anos longos de amizade e por ser o meu refúgio no meio do caos.

À Carla, ao Simão e ao Pedro, por terem entrado na minha vida, pela disponibilidade e preocupação, por me abrirem o coração e por permitirem que lhes abra o meu coração.

À Vânia, pela ajuda e por ser a melhor partner de todos os tempos.

E a todos aqueles que acreditaram mais em mim e nas minhas capacidades do que eu própria.

A todos, o mais sincero obrigado!

RESUMO

Profundas mudanças socioculturais, como o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, desencadearam alterações nas expectativas relativas aos papéis de género, bem como uma reorganização da vida familiar, implicando na forma como a parentalidade é exercida. Surge um novo ideal de partilha parental e o papel do pai redefine-se, esperando-se um cuidador mais afetuoso e participativo no quotidiano dos filhos, assumindo especial importância, não apenas o tempo que este despende na interação com os filhos, mas também a qualidade desta relação. Assim, o objetivo do presente estudo visou analisar a perceção que mães e pais têm sobre a qualidade da relação coparental, e de que modo esta perceção se encontrava relacionada com o envolvimento paterno e os estilos parentais de mãe e pai. Participaram no estudo 64 mães e 44 pais, de famílias nucleares portuguesas, com crianças em idade pré-escolar. As figuras parentais responderam a um questionário sociodemográfico (mãe), à Escala da Relação Coparental (mãe e pai); à Escala de Envolvimento Parental: Participação em Atividades de Cuidados e de Socialização (pai) e ao Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (mãe e pai). Os resultados indicaram que ambos os pais reportam uma perceção que corresponde a maior qualidade da relação coparental. Verificou-se que o envolvimento do pai, ao nível dos Cuidados e da Socialização, e os estilos parentais de mãe e pai, se encontram associados à qualidade da relação coparental. Dado o seu reduzido número, estudos que analisem a relação entre as referidas variáveis, tornam-se necessários.

Palavras-Chave: Parentalidade, Envolvimento Paterno, Estilos Parentais, Coparentalidade

2900 Processos e Questões Sociais

2950 Casamento e Família

2956 Educação e Cuidado Infantil

2970 Papéis de Género e Problemáticas do Género Feminino

ABSTRACT

Profound socio-cultural changes, such as increasing women's participation in the labour market, triggered changes in expectations regarding gender roles, as well as reorganization of family life, implying the way parenthood is exercised. A new ideal of parental sharing emerges and the role of the father is relocated, expecting a more affectionate and participative caregiver in the daily life of the children, assuming special importance, not only the time spent in the interaction with the children, but also the quality of this relationship. Thus, the objective of the present study was to analyse the perception that mothers and fathers have about the quality of the coparental relationship, and the associations with the father's involvement and mother and father parenting styles. The participants were 64 mothers and 44 fathers, of Portuguese nuclear families, with preschool age children. The parental figures answered a socio-demographic questionnaire (mother), the Coparental Relationship Scale (mother and father); and the Parental Involvement Scale; Participation in Care and Socialization Activities (father), and the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (mother and father). The results indicated that both parents report a perception that corresponds to the highest quality of the coparenting relationship. It was verified that the father's involvement, at the level of care and socialization and parental styles of mother and father, are associated with the quality of the coparental relationship. Given its small number, studies that analyse the relationship between these variables become necessary.

Keywords: Parenting, Father Involvement, Parenting Styles, Co-parenting

2900 Social Processes & Social Issues

2950 Marriage & Family

2956 Childrearing & Child Care

2970 Sex Roles & Women Issues

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I – Enquadramento	3
Coparentalidade	3
Envolvimento Paterno.....	8
Estilos Parentais	15
Coparentalidade; Envolvimento Paterno e Estilos Parentais	19
Objetivos	20
Capítulo II - Método	22
Participantes	22
Instrumentos.....	22
Procedimento	25
Capítulo III – Resultados	26
Coparentalidade	26
Coparentalidade e Variáveis Sociodemográficas.....	27
Concordância entre a Perspetiva Materna e Paterna sobre a Qualidade da Relação Coparental	28
Envolvimento Paterno.....	29
Estilos Parentais	29
Coparentalidade; Envolvimento Paterno e Estilos Parentais	30
Capítulo IV - Discussão	33
REFERÊNCIAS	42

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1 Medianas da Qualidade da Relação Coparental, reportada pela mãe e pelo pai	27
Quadro 1.2 Concordância entre a perspectiva materna e paterna sobre a Qualidade da Relação Coparental.....	28
Quadro 1.3 Medianas do Envolvimento Paterno, reportado pelo pai	29
Quadro 1.4 Medianas dos Estilos Parentais, reportados pela mãe e pelo Pai	30
Quadro 1.5 Correlações de Spearman (rs) entre a Qualidade da Relação Coparental e o Envolvimento Paterno e os Estilos Parentais reportados pela mãe e pelo pai.....	31

INTRODUÇÃO

A parentalidade tem captado o interesse crescente dos investigadores, ao longo dos anos, procurando analisar o seu impacto no desenvolvimento e bem-estar da criança (e.g. Baumrind, 1966, 1967; Bornstein, 2002; Darling & Steinberg, 1993; Hoghugh, 2004; Maccoby & Martin, 1983; Roskam & Meunier, 2009). As acentuadas transformações na sociedade portuguesa, que marcaram as últimas décadas, geraram alterações notáveis nos papéis sociais e familiares, bem como na forma como a parentalidade é exercida. A vida familiar e social fora, noutra época, fortemente marcada pela diferenciação de género, sendo que dos homens se esperava que sustentassem economicamente e protegessem a família, e às mulheres cabiam as responsabilidades domésticas e o cuidado dos filhos (Aboim, 2010). Porém, a entrada e o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, que tornou Portugal num dos países europeus com maior número de mulheres ativas a trabalhar a tempo inteiro, exigiu uma reorganização das estruturas e das dinâmicas familiares (Aboim, 2010; Cabrera *et al.*, 2000; Glaser, Price, Montserrat, Gessa, & Tinker, 2013; PORDATA, 2016). Tornou-se então desejável, e necessária, a partilha de responsabilidades e tarefas domésticas, económicas e parentais entre homem e mulher, independentemente do género (McConnell & Kerig, 2002; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004), dando origem a um modelo de família assente numa divisão mais simétrica.

Vêm-se, assim, modificadas as expectativas acerca dos papéis a desempenhar pelas figuras parentais, nomeadamente o do pai, que se redefine e assume novos contornos, colocando-se a tónica num pai afetivo e ativamente envolvido no quotidiano dos filhos (Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008). Se até há poucas décadas a literatura se focava essencialmente no papel da mãe, cuidadora primária, no desenvolvimento da criança (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Dette-Hagenmeyer, Erzinger, & Reichle, 2014; Lamb, 2002; Saracho & Spodek, 2008), mais recentemente os estudos têm procurado incluir o pai nestas análises, reconhecendo-lhe diversos papéis complexos e significativos (Lewis & Lamb, 2003; Lamb, 2010).

De acordo com a literatura as relações precoces, nomeadamente, com as figuras parentais, são tidas como fundamentais para um desenvolvimento saudável da criança (Baumrind, 1978; Bornstein, 2002, Maccoby, 2000; Sroufe, 2000), destacando-se como variável mais relevante a qualidade dos cuidados (Sroufe, 2002). Neste âmbito, sendo os

estilos parentais uma das variáveis da parentalidade mais estudada, (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015), é reconhecida a sua relevância para a investigação nesta área.

Na perspetiva de Belsky (1984), o modo como os pais exercem a sua parentalidade pode ser determinado, direta ou indiretamente, por múltiplos fatores, organizados em três tipos de determinantes: fatores individuais dos pais (e.g. género, idade, personalidade e bem-estar psicológico), fatores individuais da criança (e.g. género, idade, temperamento e história de desenvolvimento) e contexto envolvente da relação entre pais e filhos (e.g. situação profissional e económica, rede de suporte e aspetos sociais e culturais).

Neste estudo iremos analisar de que modo o envolvimento do pai e os estilos parentais se encontram associados com a qualidade da relação coparental. Dadas as limitações identificadas na literatura, com o maior enfoque colocado na mãe, e considerando as mudanças sociais ocorridas, o estudo contemplará também a perspetiva paterna.

Capítulo I – Enquadramento

Coparentalidade

O construto da coparentalidade surgiu inicialmente na literatura associado ao estudo das relações familiares após o divórcio (Frizzo, Kreutz, Schmidt, Piccinini, & Bosa, 2005) focando, essencialmente, questões da triangulação da criança em conflitos interparentais contínuos, a coordenação de políticas e práticas educativas integradas na família, e, sequentemente, a sua influência sobre o ajustamento infantil (e.g., Durst, Wedemeyer, & Zurcher, 1985; Howe, Bishop, Armstrong, & Fein, 1984; McConnell & Kerig, 2002). Foi apenas na década de 90 que a investigação se dedicou a estudar o constructo nas famílias intactas (e.g., Belsky, Crnic, & Gable, 1995; McHale, 1995), passando este a assumir um estatuto universal e independente tanto da configuração estrutural da família, como das características individuais e diádicas das figuras coparentais (Feinberg, 2003; Egeren & Hawkins, 2004).

Feinberg (2003) definiu coparentalidade como sendo o envolvimento conjunto e recíproco de ambas as figuras parentais na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos. Egeren e Hawkins (2004) debruçaram-se sobre uma definição mais ampla que permite que o conceito se aplique a qualquer variação familiar, independentemente do estado civil e/ou orientação sexual das figuras parentais e sem se cingir a pais biológicos. Assim, para os autores, uma relação coparental ocorre quando, pelo menos dois adultos, por mútuo acordo ou pelas normas sociais, se responsabilizam pelo bem-estar e desenvolvimento de uma criança.

Embora se apresentem significativamente associados (e.g., Egeren, 2004, Bonds & Gondoli, 2007), o subsistema coparental é conceitualmente distinto dos subsistemas conjugal e parental (Feinberg, 2003), assumindo-se como um subsistema autónomo, dotado de características, mecanismos e processos relacionais próprios, porém nas famílias intactas os subsistemas referidos são interdependentes (Lamela, Costa & Figueiredo, 2010). Deste modo, a coparentalidade implica o envolvimento conjunto e recíproco das figuras parentais na educação da criança (McConnell & Kerig, 2002; Feinberg, 2003), pelo que é um subsistema que assenta numa dimensão triádica (pai-mãe-criança) (Lindsey & Caldera, 2006) e que não inclui aspetos emocionais, financeiros e jurídicos, que não se relacionem com a educação da criança (Feinberg, 2003). A literatura sustenta que, comparativamente à qualidade da relação conjugal, a qualidade da relação coparental opera como preditor relevante da qualidade da relação pai/mãe – criança (e.g., Bonds & Gondoli, 2007; Elliston, McHale, Talbot, Parmley, &

Kuersten-Hogan, 2008) e do ajustamento infantil (e.g., Belsky, Putnam, & Crnic, 1996; Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, & Frosch, 2001).

A coparentalidade tem sido alvo de estudo crescente, tendo sido já confirmada a sua importância na compreensão do funcionamento familiar e do desenvolvimento infantil (Feinberg, 2002; Feinberg, Brown, & Kan, 2012), pelo que na literatura são encontradas diversas propostas teóricas que procuram contribuir para melhorar a concetualização e operacionalização do construto da coparentalidade. Focando a atenção nessas propostas é perceptível que parte da terminologia científica que as enquadra sustenta-se nos conceitos e princípios trazidos pela teoria estrutural dos sistemas familiares, proposta por Minuchin (1974, cit. por Frizzo et al. 2005). Esta preconiza que os padrões de funcionamento do indivíduo se associam significativamente às características das suas redes relacionais, e nesta linha de pensamento, a família apresenta-se como rede relacional crucial, uma vez que os seus processos dinâmicos e a sua estrutura permitem compreender o ajustamento psicológico dos seus membros (Minuchin, 1974 cit. por Lamela et al., 2010).

A perspetiva de Minuchin sustenta a noção de que o sistema familiar é, então, constituído por um conjunto de subsistemas interdependentes entre si. De entre estes, o subsistema executivo, formado pelos pais e que resulta da interação de ambos, com a finalidade de educar e satisfazer as necessidades da criança, é aquele que desempenha um papel particularmente relevante no que respeita à adaptação e funcionamento das crianças (Minuchin, 1974, cit. por Lamela et al., 2010). Embora as formulações teóricas de Minuchin não abordem diretamente o conceito de coparentalidade, a definição de subsistema executivo pode ser considerada a que mais se aproxima da definição contemporânea de coparentalidade (Schoppe-Sullivan, Frosch, Mangelsdorf, & McHale, 2004).

Apesar da relevância que a proposta teórica, anteriormente descrita, apresenta para a compreensão das transações dentro da família (e.g., Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010), têm sido vários os autores que têm contribuído com novos modelos, cujo foco consiste em compreender os fatores que sustentam a qualidade da relação coparental.

Margolin, Gordis e John (2001), por exemplo, desenvolveram um modelo no qual a coparentalidade compreende três dimensões: a) conflito, b) cooperação e c) triangulação. A primeira dimensão remete para a quantidade, frequência e severidade dos desentendimentos entre os pais sobre questões relacionadas com a parentalidade. A segunda dimensão refere-se ao suporte, respeito e valorização prestados mutuamente

entre as figuras parentais aquando do exercício da parentalidade. A terceira dimensão caracteriza-se pela existência de uma coligação entre um dos pais e a criança, que exclui e contamina a relação com a outra figura parental. Os autores consideram ainda que a coparentalidade é condicionada por outros fatores como a idade e género da criança e o género dos cuidadores, e uma relação coparental positiva está, maioritariamente, subordinada à perceção que cada uma das figuras parentais tem a cerca da qualidade desta mesma relação (Margolin et al., 2001).

Outro modelo teórico de destaque que enquadra a coparentalidade é apresentado por Egeren e Hawkins (2004), que consideram existir uma estrutura externa e uma estrutura interna da coparentalidade. Na perspetiva dos autores a estrutura externa inclui a relação coparental em si, composta pela díade e pelas suas respetivas interações, já a estrutura interna abrange os aspetos intraindividuais e intrafamiliares dessa relação (e.g., sentimentos, atitudes, valores e ações). O modelo aborda o constructo como sendo constituído por quatro dimensões: a) solidariedade coparental, b) o suporte coparental, c) contaminação parental, e d) parentalidade partilhada (Egeren & Hawkins, 2004). A primeira dimensão aponta para a vertente afetiva da relação coparental, que se traduz em expressão de afeto positivo entre os cuidadores durante o exercício da parentalidade, o que poderá desencadear maior proximidade e compromisso entre a díade parental. A segunda dimensão abrange comportamentos e estratégias que são utilizados pelos pais, de forma a alcançarem e a suportarem os objetivos do subsistema coparental. A terceira dimensão, por sua vez, remete para comportamentos e estratégias inversos aos anteriormente referidos, assumindo estes um carácter de contaminação da parentalidade, que por um lado dificultam interações saudáveis entre o outro membro da díade e a criança, e conseqüentemente, impedem a concretização dos objetivos do subsistema coparental (e.g., hostilidade, críticas e insultos). A quarta e última dimensão implica a divisão, entre os cuidadores, de tarefas relativas ao cuidado e educação da criança, o que implica um envolvimento, quer individual de cada uma das figuras parentais, quer conjunto. Os autores consideram a coparentalidade não apenas na sua componente física, como também na emocional e cognitiva, que envolve os sentimentos e perceções das figuras parentais sobre a aliança parental que constituem, e que podem influenciar o comportamento parental (Egeren & Hawkins, 2004).

Uma outra estrutura concetual da coparentalidade que merece particular atenção foi desenvolvida por Feinberg, bem como pelo autor e seus colaboradores, com base em configurações teóricas e em investigações empíricas anteriores (Feinberg, 2003; Feinberg, et al., 2012). Nela, o construto surge organizado em cinco dimensões:

a) acordo nas práticas parentais, b) divisão de tarefas, c) suporte/sabotagem, d) gestão conjunta das dinâmicas familiares e, e) proximidade baseada na parentalidade. A primeira dimensão, acordo nas práticas parentais remete para o entendimento entre as figuras parentais em questões associadas ao cuidado e educação da criança (e.g., princípios morais, disciplina ou forma de prestação de cuidados). Quando os cuidadores denotam dificuldade em coordenar as estratégias educativas e seguem por um clima negativo (e.g., críticas e hostilidade), conduz a resultados negativos no funcionamento familiar (e.g., Grych & Fincham, 1993) e no ajustamento da criança (Feinberg, 2003). A segunda dimensão, divisão das tarefas, corresponde à partilha de atividades de cuidado, domésticas, financeiras, médicas e legais que digam respeito à criança. A dimensão do suporte/sabotagem coparental inclui a qualidade e o grau de suporte prestado mutuamente entre os cuidadores, que se pode expressar, por um lado, através de afeto positivo, apoio emocional, reforço e respeito, ou por outro, através de afeto negativo, críticas, hostilidade e culpa perante a outra figura coparental. A qualidade deste suporte revela estar associada ao ajustamento tanto das crianças como dos pais, contribuindo, por exemplo, para o sentimento de competência parental nestes últimos (Feinberg, 2003). A quarta dimensão, gestão conjunta das dinâmicas familiares implica a modelação das interações familiares, nomeadamente em termos de controlo de comportamentos, criação de padrões de comunicação e estabelecimento de fronteiras, funções que são da responsabilidade do subsistema executivo. Uma gestão conjunta eficaz traduz-se numa interação diádica pautada por comportamentos e padrões de comunicação adequados e positivos entre eles, pelo que a exposição da criança ao conflito interparental é um aspeto importante a considerar para determinar a qualidade do funcionamento estrutural da família (Feinberg, 2003). A quinta e última dimensão corresponde à proximidade baseada na parentalidade e foi acrescentada ao modelo teórico por Feinberg e seus colaboradores (2012), estando relacionada com a proximidade e partilha, entre as figuras parentais, de aspetos característicos da parentalidade, o que pode melhorar e reforçar o relacionamento do casal.

Esta proposta teórica desenvolvida por Feinberg (2003; Feinberg et al., 2012), para além de apresentar uma definição de coparentalidade e de identificar as dimensões do constructo, propõe também que a aliança coparental seja integrada no contexto ecológico. Deste modo, a coparentalidade é abordada como sendo um processo que influencia e é influenciado por fatores externos à relação coparental. A este nível destacam-se as características individuais dos cuidadores (e.g. saúde mental, escolaridade, crenças e expetativas sobre os papéis de género); os fatores familiares

(e.g. relatório comportamental e emocional dos pais enquanto cônjuges em famílias nucleares); e o ambiente extrafamiliar (e.g. dificuldades económicas e suporte social) (Feinberg, 2003).

A formulação teórica anteriormente descrita assume-se como um ponto de referência no estudo da coparentalidade e apresenta diversas vantagens conceituais (Lamela et al. 2010). Trata-se de uma proposta que deriva e integra outras propostas conceituais anteriores, sendo as evidências empíricas consistentes com os pressupostos do modelo. Por outro lado, tem em conta a variação da interdependência das dimensões que constituem o constructo, bem como a variação interfamiliar da aliança parental em si. Acrescenta-se ainda que a coparentalidade é perspectivada estando integrada no seu contexto ecológico, considerando-se a influência bidirecional entre o contexto e a aliança parental. Por isso, o mesmo será considerado na presente investigação.

Embora já referidos pontualmente, torna-se necessário conhecer mais detalhadamente os fatores que poderão potenciar ou fragilizar a qualidade da relação coparental e, nas últimas décadas a investigação tem avançado nesse sentido (e.g., Belsky et al., 1995; Feinberg, 2003; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

Relativamente às características individuais dos cuidadores, a idade é um dos aspetos que não se encontra significativamente associado a comportamentos de suporte mútuo entre a díade coparental (Lindsey, Caldera, & Colwell, 2005). Quanto às habilitações literárias, existem estudos que não reportam associações com a qualidade de aliança coparental (e.g. Gable, Belsky & Crnic, 1995). Outros indicam que quanto mais elevadas as habilitações, maior a perceção da qualidade da coparentalidade (e.g., Stright & Bales, 2003; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013), sobretudo na perspetiva da figura paterna, isto é, quando o pai apresenta maior nível de literacia, tende a reportar uma qualidade da relação coparental mais elevada. Quando a mãe apresenta níveis mais baixos de educação, aquele tende a reportar menor qualidade da dita relação (Bronte-Tinkew; & Horowitz, 2009). O número de horas semanais de trabalho encontra-se positiva e significativamente associado a comportamentos de sabotagem coparental (Jia & Schoppe-Sullivan, 2011), isto é, quanto maior o número de horas de trabalho semanal, maior a tendência da díade para expressar comportamentos de contaminação em relação ao outro, o que vai de encontro, sobretudo, à perspetiva da figura materna em relação ao número de horas de trabalho semanais do pai.

Quanto às características individuais da criança não têm sido encontradas associações entre a idade e a qualidade da coparentalidade (e.g. Stright & Bales, 2003), contudo, nos seus estudos, Margolin e seus colaboradores (2001) concluíram que as

figuras parentais apresentam maior eficácia coparental quando a criança se encontra em idade pré-escolar. Stright e Bales (2003) não encontraram diferenças em função do sexo da criança relativamente à qualidade da relação coparentalidade, porém McHale (1995) verificou que quando as crianças são do sexo masculino, as figuras parentais, tendencialmente, assumem comportamentos coparentais hostis e competitivos.

Focando nos fatores extrafamiliares, o rendimento familiar merece particular destaque, por se encontrar associado ao suporte conjugal e parental (e.g., Ge, Conger, Loernz, & Simons, 1994), pelo que tende a gerar comportamentos de suporte entre a díade coparental (e.g. Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009; Burney & Leerkes, 2010; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

Diversos estudos analisaram e compararam as perspetivas do pai e da mãe sobre a qualidade da relação coparental, indicando que as discrepâncias existentes se assumem como um claro indicador do contributo posterior de ambos para esta mesma relação (e.g.; McHale, Kazali, Rotman, Carleton, & Lieberson, 2004; Carneiro, Corboz-Warnery, & Fivaz-Depeursinge, 2006; McHale & Rotman, 2007; Feinberg et al., 2012). Alguns autores (e.g., Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Feinberg et al., 2012) verificaram um nível de concordância moderado entre as perspetivas de ambas as figuras parentais no que respeita à qualidade geral da relação coparental, no entanto, quando analisaram separadamente as dimensões do constructo, verificaram a existência de níveis de concordância mais baixos, sobretudo na componente da divisão do trabalho, resultados que podem ser melhor compreendidos se os relacionarmos com as expectativas quanto à partilha de responsabilidades em função do género (Feinberg, 2003; Egeren, 2004), na qual a mãe parece continuar a ser a principal responsável (e.g., Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). Pedro e Ribeiro (2015), por sua vez, destacam a existência discordâncias ao nível da coparentalidade negativa, nomeadamente quando na triangulação e conflito interparental relacionado com a educação da criança.

Envolvimento Paterno

Embora se tenha verificado um crescente interesse sobre o papel da figura paterna, particularmente no desenvolvimento e educação da criança, mas também no contexto familiar (e.g., Lamb, 2010; Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Pessoa e Costa, Torres, & Vaughn, 2010), a literatura acerca da paternidade é ainda muito recente quando comparada à da maternidade (e.g. Saracho & Spodek, 2008; Dette-Hagenmeyer, Erzinger, & Reichle, 2014).

As significativas alterações ocorridas, ao longo das últimas décadas, ao nível económico, político, cultural e sociodemográfico – das quais se destacam a entrada da mulher no mercado de trabalho - originaram mudanças, não só na estrutura tradicional da família, como também nas expectativas sobre os papéis de género a desempenhar pelas figuras parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Lamb, 2004; Parke, 1997; Torres, 2004). A mulher passou a assumir responsabilidades simultâneas tanto no domínio familiar como profissional, e com isto, surgiu a necessidade de a figura paterna participar mais ativa e frequentemente na dinâmica familiar, e sobretudo no quotidiano dos filhos. Emergiu assim um novo ideal de coparentalidade, em que ambos os cuidadores partilham, de forma igualitária, responsabilidades e tarefas, não só ao nível financeiro e doméstico, como também no que respeita aos cuidados e educação dos filhos, dissolvendo-se a divisão baseada no género (Deutsch, 2001; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Deste modo, a visão do papel e as responsabilidades socialmente atribuídas ao pai têm sofrido alterações. O contributo deste, que era primordialmente cingido ao sustento económico da família e ao exercício de autoridade (Lamb, 2000), tem vindo a dar lugar a uma figura paterna mais presente e afetuosa, que passa a assumir também tarefas, típica e tradicionalmente, desempenhadas pelo género feminino, como a prestação ativa de cuidados à criança (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999; Cabrera et al., 2000).

Na literatura, a definição do constructo de paternidade encontra duas interpretações distintas. Por um lado, surge como um estatuto parental, que inclui todas as formas de parentalidade, assim como outras dimensões, tais como a idade com que o progenitor se tornou pai, o número total de filhos, a diferença de idades entre as crianças, se os filhos são (ou não) biológicos (Pleck, 2010b). Por outro, remete para o modo como é exercida a parentalidade (Pleck, 2010a), abrangendo, simultaneamente, o conceito de envolvimento paterno (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987). Assim, no final da década de 70, o envolvimento paterno era concetualizado e operacionalizado como um fenómeno centrado unicamente no tempo, quantificável e observável, dispendido entre o pai e a criança (Cabrera et al., 1999; Lamb, 2000). A unidimensionalidade que o constructo assumia, ignorava outras formas de contributo da figura paterna para o bem-estar e para o desenvolvimento da criança, ainda que os seus efeitos fossem indiretos, como por exemplo, o suporte emocional prestado à mãe (Lamb, 2000; Parke, 2000).

Nos últimos anos tem existido um esforço por parte dos investigadores no sentido de uniformizar o modo como se conceitualiza e operacionaliza o envolvimento paterno, clarificando quais os seus efeitos no bem-estar e desenvolvimento infantil (Bronte-Tinkew & Moore, 2004; Pleck, 2010a; Palkovitz, 1997; Radin, 1994; Saracho & Spodek, 2008). A literatura tem vindo a contestar a crença das investigações iniciais de que, sendo mínimo, o envolvimento do pai não afetava o desenvolvimento da criança (Lamb, 2010; Parke, 2000).

Um das limitações apontadas na literatura prendia-se com as distintas definições de envolvimento paterno elaboradas por diferentes autores, o que dificultava a comparação dos resultados obtidos empiricamente (Lamb, 2000; Parke, 2000). Por forma a superar esta limitação, Lamb, e colaboradores (1987) conceberam um modelo no qual distinguem três dimensões do envolvimento paterno: a) interação efetiva que implica o contacto direto entre a díade pai-criança, sob a forma de cuidado, brincadeira, ensino ou lazer; b) acessibilidade e disponibilidade do pai para atividades que exijam um grau de envolvimento mais intenso com a criança, independentemente da natureza ou extensão da interação; c) responsabilidade quanto à compreensão e satisfação das necessidades da criança, incluindo atividades de planeamento, organização e cuidados à criança.

Esta formulação teórica, embora tenha exercido influência significativa na orientação da investigação sobre o envolvimento paterno (Schoppe-Sullivan, McBride, & Ho, 2004; Bronte-Tinkew & Moore, 2004; Jacobs & Kelley, 2006), apresenta uma perspetiva unidimensional do conceito (Cabrera, et al., 2000; Hawkins & Palkovitz, 1999; Schoppe-Sullivan, et al., 2004). Se por um lado as investigações iniciais focaram predominantemente os aspetos quantitativos do comportamento paterno, por outro, atualmente, as evidências confirmam que tanto a quantidade como a qualidade dos comportamentos paternos são igualmente importantes (Tremblay & Pierce, 2011).

O constructo deve então ser entendido como sendo complexo e multidimensional (e.g. Hawkins & Palkovitz, 1999; Palkovitz, 1997; Pleck & Masciadrelli, 2004), e como sendo constituído por diversos domínios, nomeadamente, o domínio comportamental (o mais estudado através de medidas observacionais e que engloba tarefas como alimentar ou dar banho à criança); o domínio afetivo (que remete para as emoções positivas e negativas experienciadas pelo pai no exercício da parentalidade); e o domínio cognitivo (planeamento, organização e monitorização de atividades realizadas em conjunto pela díade pai-criança) (Hawkins & Palkovitz, 1999).

Tendo por base o modelo tripartido proposto por Lamb e seus colaboradores (1987), foram propostas diversas reformulações complementares, que procuravam ampliar a abrangência do conceito e analisar mais profundamente a contribuição da figura paterna para o funcionamento familiar (Schoppe-Sullivan et al., 2004). Radin (1994), por exemplo, distinguiu o “envolvimento absoluto”, que considera a interação exclusiva entre o pai e a criança, sem interferência de outro cuidador (e.g. número de horas que o pai se encontra a sós com a criança), e o “envolvimento relativo” que compara o envolvimento das duas figuras parentais (e.g. tempo despendido por cada cuidador em interações com a criança). Parke (1996, cit. por Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008) optou por diferenciar os contextos e tipos de interação entre a díade, propondo assim duas dimensões de envolvimento: as tarefas de cuidado à criança e as atividades de brincadeira/lazer. Palkovitz (1997), por sua vez, ampliou o conceito, atribuindo-lhe quinze dimensões: a comunicação, o ensino, a monitorização, os processos cognitivos, os recados, a prestação de cuidados primários, a manutenção do ambiente da criança, os interesses partilhados, a disponibilidade, o planeamento, as atividades partilhadas, o provisionamento, o afeto, a proteção e o suporte emocional.

Outra reformulação teórica foi proposta por Pleck (1997, cit. por Pleck, 2012), e sugerindo-se três componentes para o envolvimento paterno: i) atividades de envolvimento positivo; ii) afetividade e capacidade de resposta; e iii) controlo. O modelo inclui ainda dois domínios auxiliares: os cuidados indiretos e a responsabilidade de processo. A primeira componente remete para a prática de atividades que promovam o desenvolvimento da criança; a segunda diz respeito à capacidade do pai para responder às necessidades da criança, inculcando afeto nas suas ações, e a terceira compreende a monitorização e a tomada de decisão relacionadas com o exercício da parentalidade (Pleck, 1997, cit. por Pleck, 2012). O domínio dos cuidados indiretos prevê a realização de atividades realizadas indiretamente para as crianças (e.g. marcação de consultas); e o domínio da responsabilidade de processo abrange a tomada de iniciativa paterna nas componentes anteriormente mencionadas (Pleck, 2010b).

Embora nas últimas décadas a investigação relativa ao envolvimento do pai tenha recebido maior atenção (Davis & Perkins, 1996; Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004), é certo que os cuidados que este presta à criança são ainda função pouco usual e também pouco analisada na literatura em comparação com a figura materna (Monteiro et al., 2010). Neste contexto, Monteiro, Veríssimo, Costa e Pimenta (2008b) analisaram a participação e a partilha de responsabilidades parentais, em tarefas relacionadas com a criança, em famílias nucleares portuguesas, ao nível dos

Cuidados (Diretos e Indiretos) e ao nível da Socialização. Assim, os autores verificaram que, nas amostras portuguesas, as mães são as principais responsáveis pela prestação de cuidados à criança (e.g. Monteiro et al., 2008; Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010), contudo, os resultados apontam para uma participação partilhada no que respeita às atividades de socialização (e.g. Monteiro et al., 2010).

Diversos autores têm investido também na análise dos fatores que podem facilitar ou inibir tal envolvimento (e.g., Belsky, 1984; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). O modelo proposto por Belsky (1984), sendo considerado o mais influente no estudo da parentalidade, pode auxiliar na identificação e compreensão das variáveis que moldam o envolvimento entre pai e criança (McBride, Schoppe-Sullivan, & Rane, 2002). De acordo com o mesmo, o comportamento paterno é influenciado por três tipos de fatores distintos: a) as características dos pais (e.g. idade, personalidade, atitudes, valores, entre outros); b) as características da criança (e.g. temperamento e idade) e c) fatores contextuais (e.g. relação conjugal e rede de suporte social).

Quanto às características dos pais, a literatura apresenta contradições quanto à variável idade. No seu estudo, Marsiglio (1991) indicou que a idade dos pais não constitui um preditor significativo de envolvimento, porém outras investigações evidenciam que quanto mais novos são os pais, maior a tendência para se envolverem e interagirem com a criança (e.g., Castillo et al., 2011; NICHD Early Child Care Research Network, 2000). Em amostras portuguesas, os resultados parecem ir no mesmo sentido (e.g. Lima, 2005). No entanto, outros autores (e.g. Fernandes, Monteiro e Veríssimo, 2015; Monteiro et al., 2010; Monteiro, Fernandes, Torres e Santos, 2017) indicam que quanto mais elevada a idade do pai, menos este participa em atividades de Cuidados Diretos, Indiretos, Ensino/Disciplina e Brincadeira. Relativamente à idade da mãe, alguns estudos (e.g., Pimenta et al., 2010, Monteiro et al., 2008; 2010) não encontraram relação entre esta variável e o envolvimento paterno, enquanto outros apontam para um maior envolvimento quando a mãe é mais jovem (e.g. NICHD Early Child Care Research Network, 2000).

As habilitações literárias do pai, por seu turno, são preditoras da qualidade de tempo despendido entre a díade pai-criança (Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001; Palkovitz, 2002). Pais com habilitações literárias mais elevadas demonstram ter maior conhecimento sobre as necessidades de desenvolvimento da criança (Bailey, 1994), pelo que tendem a estar mais envolvidos (Yeung et al., 2001; Fuertes, Faria, Beeghly, & Lopes-dos-Santos, 2016; Monteiro et al., 2017). Em amostras portuguesas, quanto mais elevado o nível de habilitações literárias, maior a participação do pai em

atividades de Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior (e.g. Fernandes et al., 2015; Monteiro et al., 2008; 2010). Relativamente às habilitações da mãe parece estar associado ao envolvimento paterno (Cabrera, Fitzgerald, Bradley, & Roggman, 2007) – quanto mais elevado o nível de habilitações literárias daquela, maior a participação do pai em atividades de Cuidados Indiretos e de Lazer no exterior (Monteiro et al., 2010).

De acordo com diversos estudos, o número total de horas de trabalho do pai encontra-se negativamente e significativamente associado à quantidade de tempo despendido em interação com a criança (e.g., Coyl-Shepherd & Newland, 2013; Jacobs & Kelley, 2006; Lima, 2005; Milkie, Kendig, Nomaguchi, & Denny, 2010). Quando o emprego do pai é caracterizado como exaustivo ou exigente, este tende a despende de mais horas no local de trabalho e, conseqüentemente, uma menor quantidade de tempo com a criança (Hofferth & Anderson, 2003; Pleck & Masciadrelli, 2004), sobretudo em termos de participação em atividades de cuidado direto (Monteiro e colaboradores, 2017). Contrariamente, nas famílias cuja figura materna se encontra empregada e esta despende de maior número de horas no local de trabalho, tende a conduzir a um maior envolvimento por parte do pai (Barnett & Baruch, 1987; Bonney, Kelley, & Levant, 1999; McBride, Schoppe, & Rane, 2002; NICHD Early Child Care Research Network, 2000). Em amostras portuguesas, nas famílias em que ambas as figuras parentais trabalham a tempo inteiro, verificou-se que é a mãe quem assume, maioritariamente, a responsabilidade pelos cuidados e planeamento de atividades relacionadas com a criança (Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira, 2006, cit. por Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos & Fernandes, 2008c; Monteiro et al, 2008a), embora os autores tenham constatado que no que respeita a atividades de brincadeira/lazer a participação seja quase igualitária, pelo que não se considera que o emprego materno por si só seja explicativo e determinante do envolvimento do pai (Pleck & Masciadrelli, 2004).

No que respeita às características da criança, a investigação tem demonstrado que os pais tendem a despende mais tempo com as crianças mais novas (Barnett & Baruch, 1987; Marsiglio, 1991; Yeung et al., 2001). Na mesma linha, Yeung et al. (2001), acrescentam que as crianças mais velhas passam menos tempo com os pais em atividades de cuidados, jogo e outras atividades partilhadas, embora passem mais tempo juntos em atividades relacionadas com o mérito e desempenho pessoal e em atividades sociais, enquanto Monteiro e colaboradores (2017) verificaram que, em amostras portuguesas, à medida que a criança ficou mais velha, os pais estavam menos envolvidos nas atividades de Ensino / Disciplina, o que pode ser associado aos ganhos

desenvolvimentais das crianças na regulação e regras emocionais e comportamentais. No entanto, a investigação aponta que os pais tendem a estar mais envolvidos com crianças mais velhas do que com crianças mais novas (e.g., Pimenta et al., 2010), envolvimento este que vai aumentando a par da idade da criança (Bailey, 1994), em particular na transição entre a idade pré-escolar e a idade escolar (Yeung et al., 2001), e em atividades de brincadeira (Pimenta et al., 2010). Estas tendências podem ser articuladas com a dificuldade dos homens em se envolverem em atividades tradicionalmente atribuídas às mães, as quais podem ser mais comuns, por exemplo, nos primeiros tempos de vida da criança (Wood & Repetti, 2004). Nas amostras portuguesas, as análises indicam que, embora a idade da criança não faça variar significativamente o envolvimento paterno em atividades de socialização (Lima, 2005), Pimenta et al. (2010) verificaram que o envolvimento do pai em atividades de brincadeira aumenta com a idade da criança, sobretudo entre os 31 e os 78 meses).

Por sua vez, o sexo da criança parece influenciar as expectativas do pai em relação a esta, bem como o significado que atribui ao seu comportamento (Jacobs & Bleeker, 2004). Assim, alguns estudos indicam que o pai se encontra mais envolvido com as crianças do sexo masculino (e.g. Easterbrooks & Goldberg, 1984; NICHD Early Child Care Research Network, 2000; Yeung et al., 2001), sobretudo nas atividades de Cuidados Diretos e Brincadeira (Monteiro et al., 2010); outros indicam que o pai se encontra igualmente envolvido com rapazes e raparigas (e.g. Bailey, 1994; Schoppe-Sullivan et al., 2004). A literatura, parece concordar, portanto, que não existem efeitos significativos do sexo infantil no envolvimento dos pais (e.g., Monteiro et al., 2017; Pleck & Masciadrelli, 2004).

O rendimento familiar também se apresenta como preditor do envolvimento paterno (Yeung et al., 2001). Quanto mais elevado for o rendimento familiar, o pai tende a envolver-se mais (Volling & Belsky, 1991), contrariamente no NICHD Early Child Care Research Network (2000) verificou-se que os pais reportavam maior envolvimento nos cuidados às crianças quando o rendimento era menor. Yeung et al. (2001) acrescentaram que nas famílias em que a mãe é a maior fonte de rendimento ou contribui igualmente como o pai, a interação entre pai e criança é mais frequente.

O envolvimento e participação da figura paterna no quotidiano dos filhos tem então vindo a aumentar (McBride & Rane, 1998; Pleck & Masciadrelli, 2004), passando o pai a assumir maior responsabilidade no domínio familiar. Porém o seu envolvimento continua a ser menor quando comparado com o da figura materna (Aboim, 2010; Lewis & Lamb, 2003; Parke & Buriel, 1997; Monteiro et al, 2008a).

Importa referir que, embora grande parte da investigação sobre o envolvimento paterno se centre nas suas características quantitativas (i.e. tempo total que o pai passa em interação com a criança), a literatura mostra-se consensual na necessidade de se considerarem também as características qualitativas do mesmo (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Pleck & Masciadrelli, 2004), tais como o afeto, o carinho, a sensibilidade e a participação em atividades específicas (Cabrera et al., 2000).

Estilos Parentais

Diversos autores têm fundamentado a importância das relações interpessoais significativas, nomeadamente com os cuidadores, para o desenvolvimento infantil (Maccoby, 2000; Sroufe, 2000). Darling e Steinberg (1993) distinguem estilos e práticas parentais, referindo-se ao estilo parental como um conjunto de atitudes tidas para com a criança, e que criam um clima emocional, através do qual as respostas emocionais aos comportamentos daquela são comunicados, ocorrendo a socialização. Por outro lado, os autores conceitualizam as práticas parentais como estratégias ou técnicas utilizadas pelos cuidadores, com a finalidade de orientar o comportamento da criança, de modo que esta atinja determinados objetivos, em situações e contextos específicos. De um modo geral, as práticas parentais influenciam a criança em situações específicas, enquanto os estilos parentais influenciam a eficácia das estratégias de socialização dos pais, criando um contexto no qual as crianças vivem e se desenvolvem ao longo do tempo (Darling & Steinberg, 1993).

Os estilos parentais traduzem a qualidade das interações entre pais e filhos ao longo de diversas situações, e embora possam ser inferidos a partir das práticas parentais, estes têm impacto na eficácia de determinadas práticas educativas utilizadas pelos cuidadores (Darling & Steinberg, 1993; Dishion & McMahon, 1998; Maccoby & Martin, 1983), práticas estas que estão inseridas dentro do constructo, bem como outros aspetos da interação como tom de voz e/ou a linguagem corporal. Assim, o comportamento parental e a qualidade da parentalidade resultam da integração de processos cognitivos, emocionais e afetivos (Grych, 2002).

Baumrind (1966, 1967, 1971) formulou um modelo tripartido, que considera a existência de três estilos parentais – o autoritário, o permissivo e o autoritativo – que contribuem para a compreensão da socialização da criança. No que respeita ao estilo autoritário, os cuidadores tendem a moldar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes da criança, com base num padrão de conduta estabelecido e tido como absoluto. Por isso, exercem elevados níveis de controlo, valorizam a obediência, são rígidos e

utilizam práticas punitivas como afirmação do seu poder. Tentam incutir na criança valores que consideram elevados, como a responsabilidade, o respeito pela autoridade, o trabalho, a preservação da ordem e a tradição. Contudo, Baumrind (1966; 1967; 1971) afirma que os pais que assumem este estilo parental são mais centrados em si do que na criança, pelo que não estimulam a sua autonomia e a sua individualidade, tendendo a expressar baixos níveis de afeto e a ser pouco responsivos às necessidades desta.

O estilo permissivo é caracterizado, por Baumrind (1966; 1967; 1971), por um comportamento de não oposição e de aceitação da livre expressão dos impulsos, desejos e ações da criança. Os pais que assumem este estilo tendem a expressar níveis moderados de afeto, e exercem baixos níveis de controlo, aplicando uma disciplina inconsistente, permitindo que a criança autorregule o seu próprio comportamento, e desta forma, acabam por não estimular a sua responsabilidade e a sua obediência a padrões definidos. Assim, a autora conclui que estes pais se apresentam à criança como um recurso que esta pode utilizar da forma que lhe aprouver, e não como figuras capazes de moldar o comportamento atual e futuro daquela.

Os pais que utilizam, essencialmente um estilo autoritativo são mais centrados na criança, exercendo uma disciplina consistente, moldada por expectativas adequadas em relação à idade e competências da criança. São atentos e responsivos às necessidades dos filhos, expressando elevados níveis de afeto e estimulando a sua autonomia e individualidade. Orientam as atividades da criança de forma racional e direcionada para o problema, sem serem intrusivos, e são capazes de controlar com firmeza situações de divergência. Apostam numa comunicação eficaz, ou seja, incentivam o diálogo com a criança, na medida em que partilham com esta os motivos que estão na base das suas decisões, bem como solicitam a sua palavra quando se recusa a obedecer (Baumrind, 1966; 1967; 1971).

Para além desta tipologia apresentada por Baumrind, Maccoby e Martin (1983) propuseram um modelo bidimensional, que considerara o comportamento parental como tendo duas dimensões: a exigência/ supervisão e a responsividade/afetuosidade. De acordo com os autores, a exigência remete para um controlo e supervisão do comportamento da criança, nos quais as figuras parentais se assumem como agentes socializadores. Já a responsividade diz respeito a atitudes que promovam o desenvolvimento da criança, como o reforço contingente, a sensibilidade e resposta às solicitações, necessidades e interesses daquela (Maccoby & Martin, 1983). Na perspetiva do presente modelo são também distinguidos, à semelhança do modelo tripartido, o estilo autoritário – pautado por elevado nível de exigência e baixo nível de

responsividade; o estilo autoritativo – caracterizado por elevados níveis de exigência e responsividade; todavia, o estilo permissivo é aqui substituído por dois padrões comportamentais distintos: o estilo indulgente e o estilo negligente – os cuidadores que assumem o primeiro estilo tendem a ser responsivos, contrariamente aos que adotam o segundo, mas ambos são caracterizados por baixo nível de exigência (Maccoby & Martin, 1983).

A abordagem tipológica proposta por Baumrind constituiu-se como principal pilar da literatura que tem procurado compreender os efeitos da interação e exposição das crianças a um determinado estilo parental, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento e ao ajustamento (e.g. Cruz, 2005; Parke & Buriel, 1997; Rubin & Burgess, 2002). Ainda assim, apesar da extensa evidência empírica, não foi encontrado um estilo parental óptimo universal, isto é, para todas as crianças, de todas as idades, provenientes de qualquer cultura e estatuto socioeconómico (Cummings, Davies & Campbell, 2000). Mais recentemente, têm sido poucos os estudos que analisaram a associação entre estilos parentais e funcionamento na infância e adolescência, baseando-se numa abordagem tipológica (e.g., Mandara & Murray, 2002).

Os estudos tendem a apontar para que a exposição ao estilo autoritário tende a um impacto negativo nas crianças a longo-prazo, que se traduz em problemas de comportamento externalizante e internalizante (e.g. inibição, apreensão, insegurança e dependência) (Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravanello, & Rossato, 2002; Querido; Williams, Degnan, Perez-Edgar, Henderson, Rubin, Pine, Steinberg, & Fox, 2009), baixas competências sociais (Baumrind 1971; Darling, 1999), dificuldades de relacionamento com pares (e.g. Fabes, Leonard, Kupanoff, & Martin, 2001), dificuldades em termos de desempenho académico (e.g. Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987), baixa autoestima e baixa autoconfiança (e.g. Heaven & Ciarrochi, 2008; Lamborn et al., 1991), dificuldade de regulação das emoções e baixa responsabilidade social (Baumrind, 1975; Baumrind, Larzelere & Owens, 2010).

Quando os pais assumem um estilo permissivo os resultados parecem refletir-se em termos de baixo desempenho escolar (e.g. Dornbusch et al., 1987), baixo desempenho social, e baixos níveis de assertividade e responsabilidade social (e.g. Lamborn et al., 1991), dificuldades de autonomia e de regulação de emoções, bem como autocontrolo, autoconfiança e autoestima baixos (Baumrind, 1975; Baumrind et al. 2010) e sintomas de externalização como impulsividade, agressividade, imaturidade e dependência (e.g. Baumrind, 1991, Oliveira et al., 2002; Williams et al., 2002), e comportamentos disruptivos (e.g., Aunola, & Nurmi, 2005; Lamborn et al. 1991).

Por fim, os filhos de pais autoritativos tendem a apresentar resultados mais adaptativos (e.g. Baumrind, 1966; Maccoby & Martin, 1983), sobretudo em termos de desempenho escolar (e.g. Dornbusch et al., 1987; Gorman-Smith, Tolan, Henry & Florsheim, 2000), competências sociais e pessoais, autocontrole, autorregulação, autoestima, autoconfiança e ajustamento comportamental (e.g. Baumrind et al., 2010; Grolnick & Ryan, 1989; Lamborn et al., 1991; Mandara & Murray, 2002), maior realização pessoal e social e melhores níveis de saúde mental (Lamborn et al., 1991), menos problemas de internalização e de externalização (Gorman-Smith et al., 2000; Lamborn et al., 1991; Steinberg et al., 1994; Wolfradt, Hempel & Miles, 2003) e, de um modo geral, maior felicidade (Baumrind, 1966). Simons e Coger (2007) defendem que as crianças apresentam resultados mais positivos mesmo que apenas um dos pais assuma o estilo autoritativo.

Os resultados acima descritos devem ser considerados tendo em conta a influência de fatores externos à família (e.g. Villalobos, Cruz, & Sánchez, 2004), nomeadamente a variabilidade socioeconómica e cultural. Ao nível socioeconómico, os resultados empíricos apoiam que os pais pertencentes a um nível socioeconómico mais baixo tendem a assumir um estilo autoritário, enquanto os pais de nível económico mais elevado tendem a assumir um estilo permissivo (Ceballos & Rodrigo, 2008; Dornbusch et al., 1987; Parke, 2002; Pereira, 2007; Scaramella, Neppl, Ontai, & Conger, 2008). Ao nível cultural, as normas culturais determinam o significado atribuído ao comportamento parental, e conseqüentemente, implicam na forma como os estilos parentais se repercutem no desenvolvimento infantil (e.g., Dixon, Graber, & Brooks-Gunn, 2008, Halgunseth et al., 2006; Ho, Bluestein, & Jenkins, 2008). Deve ainda considerar-se a bidirecionalidade da parentalidade, contemplada nos modelos teóricos pais-filhos e filhos-pais, que assumem que o comportamento dos pais influencia o comportamento dos filhos e vice-versa (Rothbaum & Weisz, 1994).

Quando comparados os estilos parentais assumidos pelos pais, os estudos indicam diferenças entre mães e pais. São as mães quem mais tende a assumir padrões comportamentais consistentes com o estilo autoritativo e com o estilo autoritário (Campos & Cruz, 2011). Assim, alguns estudos confirmam que, comparativamente aos pais, as mães revelam maior tendência para expressar afeto (McKinney & Renk, 2008), para assumir tarefas direcionadas para os cuidados e segurança dos filhos, e para maior suporte emocional (Conrade & Ho, 2001; Winsler, Madigan & Aquilino, 2005), para estimular a autonomia, bem como para controlar e regular o comportamento da criança (Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009; Oliva, Parra, Sánchez-Queija, &

López, 2007). Por outro lado, outros estudos reportam que as mães tendem a ser mais permissivas do que os pais (Conrade & Ho, 2001; Uji, Sakamoto, Adachi, & Kitamura, 2013) e estes, mais autoritários do que as mães (Winsler et al., 2005). Em amostras portuguesas, Pedro e colaboradores (2015), verificaram que ambas as figuras parentais concordam que as mães são quem mais tende a assumir práticas parentais consistentes com o estilo autoritativo, não diferindo dos pais ao nível do estilo permissivo e autoritário, sendo estes resultados congruentes com os reportados por Winsler e colaboradores (2005). Estas conclusões podem ser consideradas à luz das expectativas relativas aos papéis de género (Gaertner, Spinrad, Eisenberg, & Greving, 2007).

Coparentalidade; Envolvimento Paterno e Estilos Parentais

Sendo a família o principal contexto de socialização da criança durante os primeiros anos de vida, os pais assumem um papel central no seu desenvolvimento (López-Soler, Puerto, López-Pina, & Prieto, 2009; Pachter & Dumont-Mathieu, 2004). Neste sentido, um corpo crescente de investigação procura analisar a qualidade da relação coparental como sendo um aspeto fundamental do sistema familiar (Feinberg, 2003).

Embora disponha de um número reduzido de estudos que procuram compreender como é que a qualidade da relação coparental se encontra associada ao envolvimento paterno (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010), a literatura não se mostra concordante relativamente à associação entre as duas variáveis. Se por um lado há autores que defendem que o envolvimento paterno e a qualidade da relação coparental não se encontram significativamente associados (e.g., McHale, Khazan, Erera, Rotman, & DeCoursey, 2002), por outro há estudos que indicam uma associação significativa entre as duas variáveis, apesar de os resultados diferirem consoante as tarefas nas quais o pai se envolve (e.g., Fagan e Cabrera, 2012). Por exemplo, um maior envolvimento do pai em atividades de cuidados diretos encontra-se associado a elevados níveis de conflito entre os pais e a comportamentos de enfraquecimento coparental, enquanto o maior envolvimento paterno em atividades lúdicas se encontra associado a comportamentos de suporte coparental (e.g., Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011). Estes resultados podem ser melhor compreendidos se se considerar que o maior envolvimento do pai implica uma coordenação mais exigente de estratégias e práticas educativas por parte das figuras parentais, o que por sua vez influencia a qualidade da relação coparental (McHale & Fivaz-Depeursinge, 1999).

Em relação à associação entre a qualidade da relação coparental e os estilos parentais, Esteves (2010) reporta uma associação positiva entre a qualidade da relação coparentalidade e o estilo parental autoritativo, e uma correlação negativa com os estilos permissivo e autoritário. Uma coparentalidade positiva, pautada por níveis mais elevados de cooperação e menores níveis de conflito e triangulação, as figuras parentais tendem a assumir um estilo autoritativo. Os efeitos parecem ser bi-direcionais, com um estilo autoritativo associado a uma relação coparental de melhor qualidade. Estes resultados são sustentados pelas configurações teóricas existentes na literatura, que afirmam que a coparentalidade positiva está relacionada com a competência parental percebida pelos progenitores, com o comportamento das crianças (Floyd & Zmich, 1991; cit. por Feinberg, 2002), com baixos níveis de stress e com uma parentalidade autoritativa (Abidin & Brunner, 1995).

Durante vários anos, a investigação negligenciou a dimensão qualitativa do envolvimento paterno, focando a atenção, maioritariamente, na dimensão quantitativa, ou seja, o tempo despendido em interação direta entre a díade pai-criança (Cabrera et al., 2000; Hawkins & Palkovitz, 1999; Lamb, 2000). Atualmente é consensual que a qualidade das interações entre a referida díade deve ser, igualmente, tida em conta (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Cabrera et al., 2000), já que esta implica nos resultados desenvolvimentais da criança (Pleck & Masciadrelli, 2004). Nesta linha de pensamento, alguns autores defendem que, enquanto constructo meramente quantitativo, o envolvimento não implica necessariamente benefícios no desenvolvimento da criança, por exemplo, perante um maior envolvimento pautado por uma interação negativa (e.g., abusos), as evidências empíricas comprovam que os resultados no desenvolvimento infantil serão igualmente negativos (Palkovitz, 1997; Cabrera et al., 2000; Fagan & Palm, 2004). Porém, se se considerar as suas componentes quantitativas e qualitativas prevêem-se resultados desenvolvimentais positivos (Cabrera et al., 2000; Parke, 2000). Assim, no presente estudo serão consideradas ambas as dimensões do envolvimento paterno, estando a envolvimento paterno associada à dimensão quantitativa e os estilos parentais à dimensão qualitativa.

Objetivos

Este estudo visou analisar, em famílias nucleares portuguesas, com crianças em idade pré-escolar, a perceção que mães e pais têm sobre a qualidade da relação coparental. Uma vez que 44 são casais, iremos analisar a qualidade desta relação no casal. Procuraremos, ainda, compreender como é que características de mães, pais e

crianças (e.g., idade, habilitações literárias, horas de trabalho) estão associadas com a percepção da qualidade da relação coparental.

Dentro do sistema familiar iremos, ainda, analisar se a qualidade da relação coparental se encontra associada com o envolvimento paterno e os estilos parentais de mãe e pai.

Capítulo II - Método

Participantes

Participaram no estudo 64 mães e 44 pais de famílias nucleares, com crianças em idade pré-escolar. As mães tinham idades compreendidas entre os 26 e os 56 anos ($M = 36.6$; $DP = 4.6$) e os pais entre os 30 e os 58 anos ($M = 39.1$; $DP = 5,8$). As habilitações literárias das mães variavam entre os 9 e os 21 anos de escolaridade ($M = 15.6$; $DP = 2.5$) e as dos pais entre os 6 e os 21 anos de escolaridade ($M = 13.3$; $DP = 3.5$). Relativamente à situação profissional das mães, 61 encontravam-se a trabalhar a tempo inteiro e, em média, 40 horas por semana ($DP = 6$). 43 pais trabalhavam a tempo inteiro e, em média, 40 horas por semana ($DP = 3.3$). As crianças, 25 do sexo masculino e 39 do sexo feminino, tinham idades compreendidas entre os 36.9 e os 74.8 meses ($M = 49.9$; $DP = 10.5$) e 39 delas tinham irmãos. As famílias apresentavam um rendimento mensal que variava entre os 900 e os 5000€ ($M = 2329.2$; $DP = 860$) e residiam no distrito de Lisboa, tendo sido recrutadas nas escolas frequentadas pelas crianças. Estas são instituições de Ensino Privado com fins lucrativos (81.3%) e de Instituições Particulares de Solidariedade Social. Esta é uma amostra de conveniência.

Instrumentos

Ficha de Identificação

A Ficha de Identificação (Veríssimo, n.d.) visa a recolha de informação sociodemográfica relativa aos pais (e.g. idade, habilitações literárias, estado civil e situação profissional), à criança (e.g. idade, sexo e número de irmãos) e ao agregado familiar (e.g. rendimento familiar e constituição do agregado).

Coparentalidade

A Escala da Relação Coparental (Lamela, Castro & Figueiredo, 2013) é a versão portuguesa da *Coparenting Relationship Scale*, de Feinberg, Brown e Kan (2012). Esta, visa avaliar a perceção que os pais (pai ou mãe) têm do apoio da(o) parceira(o) e da coordenação de ambos, na educação do seu filho(a). É composta por 35 itens organizados de acordo com as cinco dimensões da coparentalidade propostas por Feinberg e colaboradores (2003, 2012): 1) Acordo nas práticas parentais, 2) Divisão do trabalho, 3) Suporte/Sabotagem, 4) Gestão das interações familiares e 5) Proximidade baseada na Parentalidade. Para efeitos da análise de dados, e de modo a que a consistência interna assumisse um valor aceitável (.60), foram posteriormente

eliminados dois itens do questionário da figura paterna, na subescala do Apoio à Parentalidade do Parceiro e na dimensão da Proximidade baseada na Parentalidade, respetivamente.

1) O Acordo nas práticas parentais avalia o grau de entendimento das figuras parentais em relação a assuntos que envolvam a criança e a sua educação, tendo quatro itens (e.g. “A minha companheira e eu temos diferentes critérios para o comportamento do nosso filho.”); 2) A Divisão do trabalho remete para a partilha de tarefas domésticas e de atividades diárias de cuidado à criança, e tem dois itens (e.g. “A minha companheira gosta de brincar com a nossa criança e deixa o trabalho difícil e desagradável para mim.”); 3) O Suporte/Sabotagem analisa o grau de apoio que cada uma das figuras parentais presta à outra, bem como a sua qualidade, possuindo 19 itens distribuídos por três subescalas: Suporte Coparental, Apoio da Parentalidade do Parceiro e Contaminação Coparental (e.g. “A minha companheira faz-me sentir o melhor pai possível para o nosso filho.”); 4) A Gestão conjunta das interações familiares avalia o controlo de comportamentos, a criação de padrões de comunicação e o estabelecimento de fronteiras, que são função da díade, sendo constituída por cinco itens (e.g. “Discute com a sua companheira sobre o vosso filho à frente dele?”) e uma só subescala, a Exposição ao conflito; 5) Proximidade baseada na parentalidade, remete para o grau em que a proximidade e partilha de aspetos relacionados com a parentalidade melhoram e reforçam o relacionamento do casal, estando composta por cinco itens (e.g. “A relação com a minha companheira é mais forte agora do que antes de termos um filho.”). Os pais respondem aos itens numa escala de tipo *Likert*, com 7 pontos, que varia entre 0 “Não é verdadeiro sobre nós” e 6 “Muito verdadeiro sobre nós”, à exceção da subescala Exposição ao conflito que varia entre 0 “Nunca” e 6 “Muito Frequentemente (várias vezes por dia)”.

Os alfas de Cronbach para as diferentes dimensões foram: .81 (mãe) e .65 (pai) para o Acordo nas práticas parentais; na dimensão do Suporte/Sabotagem, .84 (mãe) e .80 (pai) para a subescala Suporte Coparental, .77 (mãe) e .62 (pai, e excluindo o item 14) para a subescala Apoio da parentalidade do parceiro; .61 (mãe) para a subescala Contaminação Coparental; .78 (mãe) e .80 (pai) para a subescala da Exposição ao Conflito; .64 (pai, e excluindo o item 28) para a Proximidade baseada na parentalidade. Os valores apresentados, de modo geral, aproximam-se dos reportados por Feinberg e colaboradores (2012), excetuando as dimensões da Contaminação Coparental na perspetiva do pai, da Proximidade baseada na parentalidade na perspetiva da mãe e da

Divisão do trabalho, em ambas as perspectivas, que registam valores abaixo do considerado aceitável (.60), pelo que não serão consideradas nas análises.

Envolvimento Paterno

A Escala de Envolvimento Parental: Participação em Atividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro, Veríssimo, Pessoa e Costa, & Pimenta, 2008) analisa a perceção que os pais (pai ou mãe) têm acerca da sua participação, em relação ao seu parceiro, na organização e realização de diferentes atividades relacionadas com a criança, em contexto familiar. Os 26 itens estão organizados em cinco dimensões: a) Cuidados Diretos contém cinco itens, relativos a tarefas que implicam interação direta com a criança (e.g. “Quem veste o seu filho?”); b) Cuidados Indiretos é formada por sete itens, referentes a tarefas que não implicam a interação direta com a criança (e.g. “Quem escolheu a escola que o seu filho frequenta?”); c) Ensino/Disciplina constituída por cinco itens, respeitantes ao ensino de competências, estabelecimento e cumprimento de regras (e.g. “Quem faz cumprir as regras?”); d) Brincadeira engloba cinco itens relacionados com as diversas brincadeiras realizadas com a criança (e.g. “Quem é que faz jogos de mesa com o seu filho (ex. jogar cartas, puzzles, jogos de encaixe, etc.)?”); e) Lazer no exterior, com quatro itens que remetem para atividades realizadas com a criança no exterior (e.g. “Quem leva o seu filho ao parque infantil?”).

Os pais respondem numa escala do tipo *Likert*, de cinco pontos, que varia entre 1 “Sempre a mãe”, 3 “Tanto a mãe como o pai” e 5 “Sempre o pai”:

Os alfas de Cronbach para as cinco dimensões, na perspectiva do pai, foram de: .60 para os Cuidados Diretos, .71 nos Cuidados Indiretos, .60 para a Brincadeira e, .61 (pai) para o Lazer no exterior. A dimensão Ensino/Disciplina apresenta um valor abaixo do considerado aceitável, pelo que não será incluído nas análises realizadas.

Estilos Parentais

O Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015) é a versão portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (Robinson, Mandlco, Olsen, & Hart, 2001), e tem como objetivo analisar a perceção que mães e pais têm sobre os seus estilos parentais e práticas parentais. É composto por 32 itens que se distribuem por três dimensões: a) Estilo Autoritário, com 12 itens e três subescalas, a Coerção Física, a Hostilidade Verbal e a Punição (e.g. “Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”); b) Estilo Autoriativo, com 15 itens organizados nas subescalas de Ligação, Regulação e Autonomia (e.g. “Sou sensível às

necessidades e sentimentos do meu filho”); e c) Estilo Permissivo, que inclui 5 itens (e.g. “Cedo quando o meu filho faz birra”). Para efeitos da análise de dados, de modo a que a consistência interna assumisse um valor aceitável (.60), foi posteriormente eliminado um item, tanto do questionário da mãe como do pai, relativamente ao Estilo Permissivo. Os pais respondem numa escala de 5 pontos do tipo *Likert*, variando entre 1 “Nunca” e 5 “Sempre”.

Os alfas de Cronbach para as dimensões foram de: .70 (mãe) e .76 (pai) para o Estilo Autoritário; .68 (mãe) e .81 (pai) no Estilo Autoritativo; e .60 (mãe, excluindo o item 20) e .61 (pai, e excluindo o item 4) para o Estilo Permissivo.

Procedimento

O presente estudo enquadra-se num projeto de investigação mais abrangente a decorrer no ISCTE-IUL tendo seguido todas as indicações éticas da APA e da Ordem do Psicólogos Portugueses. Inicialmente foi estabelecido um primeiro contacto com os equipamentos de infância, via e-mail, contacto telefónico ou contacto presencial. Seguidamente, foi apresentado o projeto aos Diretores, e face às suas autorizações (consentimento informado) deu-se início à recolha de dados. Foram enviados aos pais o consentimento informado em envelope, para ser entregue fechado. Apenas aos que aceitaram participar foram enviados os questionários devolvidos num envelope selado. A recolha dos dados ocorreu em duas fases: numa primeira fase, foram entregues os questionários às mães (ficha sociodemográficos, Coparentalidade e Estilos Parentais, e apenas quando estes foram devolvidos, se enviaram os questionários aos pais (Coparentalidade, Envolvimento Parental e Estilos).

Após a recolha dos dados, estes foram inseridos numa base e analisados com recurso ao SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 23.

Capítulo III – Resultados

O teste não paramétrico Shapiro-Wilk (Laureano, 2010) permite verificar se as variáveis seguem ou não uma distribuição normal. Relativamente à Coparentalidade, na perspetiva da mãe, não apresentam uma distribuição normal as dimensões do Acordo nas práticas parentais ($SW = .76, p < .001$), o Suporte Coparental ($SW = .92, p < .05$), o Apoio à parentalidade do parceiro ($SW = .85, p < .001$), a Contaminação parental ($SW = .70, p < .001$) e a Exposição ao conflito ($SW = .83, p < .001$). Na perspetiva do pai, não apresentam uma distribuição normal o Acordo nas práticas parentais ($SW = .83, p < .001$), o Suporte Coparental ($SW = .90, p < .01$), o Apoio à parentalidade do parceiro ($SW = .80, p < .001$), a Exposição ao conflito ($SW = .83, p < .001$) e a Proximidade baseada na parentalidade ($SW = .92, p < .01$). Em relação ao Envolvimento Paterno, na perspetiva paterna, não apresentam uma distribuição normal a dimensão dos Cuidados Diretos ($SW = .93, p < .05$), a Brincadeira ($SW = .93, p < .05$) e o Lazer no Exterior ($SW = .86, p < .001$), não seguindo uma distribuição normal a dimensão dos Cuidados Indiretos ($SW = .97, p = .42$). Quanto aos Estilos parentais, na perspetiva da mãe, não apresentam uma distribuição normal, o Estilo Autoritário ($SW = .99, p < .05$), sendo exceção o Estilo Autoritativo ($SW = .96, p = .14$) e o Estilo Permissivo ($SW = .96, p = .26$). Na perspetiva do pai, o Estilo Autoritário ($SW = .92, p < .01$) e o Estilo Permissivo ($SW = .93, p < .05$) também não apresenta uma distribuição normal, sendo exceção o Estilo Autoritativo ($SW = .97, p = .36$).

Coparentalidade

Foram analisadas as Medianas relativas às dimensões da qualidade da relação coparental, na perspetiva da mãe e do pai, sendo os resultados reportados no Quadro 1.1.

Quadro 1.1

Medianas da Qualidade da Relação Coparental, reportada pela mãe (N = 64) e pelo pai (N = 44)

		Max	Min	Mdn
Mãe	Acordo nas Práticas Parentais	6	1.75	5.75
	Suporte Coparental	6	1.83	5
	Apoio à Parentalidade do Parceiro	6	3.43	5.57
	Contaminação Parental	2.17	.00	.00
	Exposição ao Conflito	2.2	.00	.20
Pai	Acordo nas Práticas Parentais	6	2.25	5.25
	Suporte Coparental	6	3.17	5.25
	Apoio à Parentalidade do Parceiro	6	4	5.71
	Exposição ao Conflito	2.4	.00	.40
	Proximidade baseada na Parentalidade	6	2.80	5.20

Considerando que a escala de resposta varia entre 0 “Não é verdadeiro sobre nós” e 6 “Muito verdadeiro sobre nós” verifica-se que, na maioria das dimensões, tanto na perspectiva materna, como paterna, a qualidade da relação coparental é percebida acima do ponto 5 da escala de resposta. São exceção a Contaminação Parental, na perspectiva da mãe, e a Exposição ao Conflito, na perspectiva de ambos os cuidadores, que são dimensões negativas, pelo que valores baixos nestas dimensões estão associados a maior qualidade da relação coparental.

Coparentalidade e Variáveis Sociodemográficas

Utilizando a correlação de *Spearman*, analisaram-se as associações entre as variáveis sociodemográficas dos cuidadores (idade, habilitações literárias e número de horas de trabalho semanais), crianças (idade) e agregado familiar (rendimento familiar), e a qualidade da relação coparental.

Na perspectiva materna verifica-se que as habilitações literárias do pai se encontram positiva e significativamente associadas com o Apoio à Parentalidade do Parceiro ($r_s(63) = .35, p < .01$). O número de horas de trabalho semanal da mãe encontra-se negativa e significativamente associado ao suporte recíproco entre a díade nas diversas questões relacionadas com a parentalidade ($r_s(62) = -.30, p < .05$). O rendimento familiar está positiva e significativamente associado ao apoio que cada um presta à parentalidade do outro ($r_s(56) = .31, p < .05$). Na perspectiva paterna, o número de horas de trabalho semanal do pai encontra-se negativa e significativamente associado ao acordo quanto às práticas parentais ($r_s(43) = -.37, p < .05$), verificando-se também

uma associação positiva e significativa entre a idade da criança e o Apoio à Parentalidade do Parceiro ($r_s(44) = .34, p < .05$).

Recorrendo ao teste U de Mann-Whitney testou-se a existência de diferenças em função do sexo da criança relativamente à qualidade da relação coparental, quer na perspectiva da mãe, quer do pai, verificando-se que não existem diferenças significativas entre os grupos ($p > .05$).

Concordância entre a Perspetiva Materna e Paterna sobre a Qualidade da Relação Coparental

Utilizando o Coeficiente de Correlação de *Spearman* analisaram-se os valores de concordância entre as respostas maternas e paternas sobre a qualidade da relação coparental. Os resultados são apresentados no Quadro 1.2.

Quadro 1.2

Concordância entre a Perspetiva Materna (N = 64) e Paterna (N = 44) sobre a Qualidade da Relação Coparental

Perspetiva Materna	Perspetiva Paterna			
	Acordo nas Práticas Parentais	Suporte Coparental	Apoio à Parentalidade do Parceiro	Exposição ao Conflito
Acordo nas Práticas Parentais	.40**	.28	.31*	-.21
Suporte Coparental	.11	.22	.22	-.21
Apoio à Parentalidade do Parceiro	.19	-.09	-.16	.01
Exposição ao Conflito	-.13	-.30*	-.32*	.43**

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$

Verifica-se que existem associações positivas e significativas, entre as respostas da mãe e do pai, para as dimensões do Acordo nas Práticas Parentais, Apoio à Parentalidade do Parceiro e Exposição ao Conflito.

Existem associações negativas e significativas entre a Exposição ao Conflito, na perspetiva materna e o Suporte Coparental, na perspetiva paterna, bem como entre a exposição ao conflito, na perspetiva materna, e o Apoio à Parentalidade do Parceiro, na perspetiva paterna.

Envolvimento Paterno

Foram analisadas as Medianas relativas às dimensões do envolvimento paterno, na perspectiva do pai. Tendo por base uma escala de resposta que varia entre 1 “Sempre a mãe” e 5 “Sempre o pai”, o ponto 3 remete para uma partilha “tanto a mãe como o pai” das tarefas. Os resultados são reportados no Quadro 1.3.

Quadro 1.3

Medianas do Envolvimento Paterno, reportado pelo pai (N = 44)

	Max	Min	Mdn
Cuidados Diretos	3.4	1.8	2.8
Cuidados Indiretos	3.29	1.14	2.4
Brincadeira	4	2.6	3
Lazer no Exterior	3.67	2	3

O pai percebe o seu envolvimento nas atividades de Brincadeira e Lazer no ponto central da escala de resposta, o ponto 3, ou seja, as tarefas inerentes a estas dimensões são realizadas tanto por si como pela mãe. Os Cuidados Diretos e os Cuidados Indiretos, por sua vez, são percebidos abaixo do ponto central da escala de resposta, ou seja, como sendo exercidos mais frequentemente pela mãe, em particular a dimensão dos Cuidados Indiretos.

Utilizando a correlação de *Spearman*, analisaram-se as associações entre as variáveis sociodemográficas relativas aos cuidadores, às crianças e ao agregado familiar, e o envolvimento paterno mostrou que apenas as habilitações literárias do pai se encontram positiva e significativamente associadas à sua maior participação em atividades de Cuidado Indireto ($r_s(44) = .40, p < .01$) e de Lazer no Exterior ($r_s(44) = .34, p < .05$).

Com base no Teste U Mann-Whitney verificou-se que a percepção do pai acerca do seu envolvimento nos cuidados e atividades relacionadas com a criança não diferia consoante o sexo da mesma ($p > .05$).

Estilos Parentais

Foram analisadas as Medianas relativos às dimensões dos Estilos Parentais, na perspectiva de ambos os cuidadores. Os resultados são apresentados no Quadro 1.4.

Quadro 1.4

Medianas dos Estilos Parentais, reportados pela mãe (N = 64) e pelo pai (N = 44)

		Max	Min	Mdn
Mãe	Autoritativo	4.67	3.12	4.11
	Autoritário	2.90	1	1.70
	Permissivo	3.40	1.40	2.40
Pai	Autoritativo	4.61	2,89	3.88
	Autoritário	2.70	1.10	1.60
	Permissivo	3.80	2	2.60

Nesta escala as respostas podem varia entre 0 “Nunca” e 5 “Sempre”, a análise descritiva realizada indica que tanto as mães como os pais, reportam padrões comportamentais consistentes com um estilo parental autoritativo.

Utilizando a correlação de *Spearman*, analisaram-se as associações entre as variáveis sociodemográficas relativas aos cuidadores, às crianças e ao agregado familiar, e os estilos parentais indicou uma associação negativa e significativa entre o rendimento familiar e o estilo autoritário ($r_s(56) = -.42, p < .01$), na perspectiva materna. Na perspectiva paterna encontram-se associações negativas e significativas entre a idade do pai e o estilo permissivo paterno ($r_s(44) = -.34, p < .05$), e o número de horas de trabalho semanais da mãe e o estilo permissivo paterno ($r_s(44) = -.30, p < .05$).

Com base no Teste U Mann-Whitney verificou-se que os estilos parentais analisados, tanto na perspectiva materna como paterna, não diferem para crianças do sexo masculino e feminino ($p > .05$).

Utilizando o Coeficiente de Correlação de Spearman foram analisados os valores de concordância entre os estilos parentais de mães e de pais, verificando-se apenas uma associação positiva e significativa entre o estilo autoritário materno e paterno ($r_s(43) = .42, p < .01$).

Coparentalidade; Envolvimento Paterno e Estilos Parentais

Analisaram-se as associações entre a qualidade da relação coparental e o envolvimento paterno e os estilos parentais de mãe e pai. Os resultados são apresentados no Quadro 1.5.

Quadro 1.5

Correlações de Spearman (rs) entre a Qualidade da Relação Coparental e o Envolvimento Paterno (N = 44) e os Estilos Parentais reportados pela mãe (N = 64) e pelo pai (N = 44)

		Relação Coparental										
		Perspetiva Materna					Perspetiva Paterna					
		Acordo nas Práticas Parentais	Suporte Coparental	Apoio à Parentalidade do Parceiro	Contaminação Parental	Exposição ao Conflito	Acordo nas Práticas Parentais	Suporte Coparental	Apoio à Parentalidade do Parceiro	Exposição ao Conflito	Proximidade baseada na Parentalidade	
Envolvimento Paterno	Pai	Cuidados Diretos	-.09	-.09	.13	.05	-.04	-.04	.04	-.29	.34*	.02
		Cuidados Indiretos	.30*	.21	.28	.10	-.28	-.04	.12	-.08	.10	-.07
		Brincadeira	-.15	-.08	.08	-.01	-.09	-.17	-.01	-.25	.32*	-.20
		Lazer no Exterior	.00	.07	.18	.19	-.03	-.08	-.21	-.26	.43**	-.26
Estilos Parentais	Mãe	Autoritativo	.09	.37**	.24	-.21	-.18	-.13	-.11	.20	-.20	-.06
		Autoritário	-.42**	-.30*	-.24	.13	.51**	-.15	-.38*	-.28	.39**	-.23
		Permissivo	.01	.09	-.03	-.06	-.10	-.28	-.04	-.14	-.12	-.05
	Pai	Autoritativo	-.11	-.01	-.10	-.03	.03	-.16	.21	.00	-.03	-.10
		Autoritário	-.17	-.13	-.16	.31*	.34*	-.11	-.26	-.06	.42**	-.08
		Permissivo	-.06	.10	-.14	.06	.22	-.31*	-.07	-.17	.09	.08

Relativamente às associações entre a qualidade da relação coparental e o envolvimento paterno, verifica-se uma associação positiva e significativa entre o Acordo nas Práticas parentais na perspetiva da mãe e o envolvimento do pai em atividades de Cuidados Indiretos. A Exposição ao Conflito na perspetiva do pai, associa-se positiva e significativamente, ao envolvimento deste em atividades de Cuidados Diretos, Brincadeira e Lazer no Exterior.

Em relação às associações entre a qualidade da relação coparental e os estilos parentais, verifica-se uma associação negativa e significativa entre o Acordo nas Práticas Parentais na perspetiva da mãe e o Estilo Autoritário materno. O Suporte Coparental encontra-se positiva e significativamente associado ao Estilo Autoritativo materno por um lado, e contrariamente, negativa e significativamente associado ao Estilo Autoritário por outro. A Exposição ao Conflito mostra-se positiva e significativamente associada ao Estilo Autoritário materno. A dimensão da Contaminação Parental e da Exposição ao Conflito apresentam-se positiva e significativamente associadas ao Estilo Autoritário Paterno.

Na perspetiva paterna, o Suporte Coparental encontra-se negativa e significativamente associado ao Estilo Autoritário Materno, e a Exposição ao Conflito, positiva e significativamente associada ao mesmo estilo parental da mãe. O Acordo nas Práticas Parentais mostra-se negativa e significativamente associado ao Estilo Permissivo paterno. A Exposição ao Conflito associa-se positiva e significativamente ao Estilo Autoritário Paterno.

Capítulo IV - Discussão

As alterações nos papéis sociais e familiares desencadeadas pelas transformações socioculturais das últimas décadas, implicaram na forma como os pais exercem a parentalidade (Cabrera et al., 1999; Torres, 2004). A aproximação do papel desempenhado pela mãe e pelo pai tornou-se desejável e necessária, dando origem a um novo ideal de “partilha parental” (e.g., Cabrera et al., 2000; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004, Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006). Neste sentido, a investigação tem analisado a qualidade da relação coparental como sendo um aspeto fundamental do sistema familiar (Feinberg, 2003).

A par do estudo crescente da coparentalidade, surge o interesse pelo papel desempenhado pela figura paterna, cujas expectativas sociais foram redefinidas, e sua importância, nomeadamente no bem-estar e desenvolvimento da criança; bem como pela relação entre as duas variáveis (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Marsiglio, Amato, Day, & Lamb, 2000). O estudo do envolvimento paterno tem privilegiado a vertente quantitativa, no entanto, os investigadores defendem que a vertente qualitativa deve ser alvo de maior atenção, de modo a integrar uma abordagem mais ampla dos efeitos desenvolvimentais nas crianças (e.g., Bronte-Tinkew, Moore, & Carrano, 2006). Ainda no âmbito da parentalidade, a literatura acrescenta que as relações estabelecidas com as figuras parentais são fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança (Baumrind, 1978; Bornstein, 2002, Maccoby, 2000; Sroufe, 2000), e neste sentido, os estilos parentais são a variável mais estudada (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015).

Considerando o primeiro objetivo delineado, analisou-se a perceção que as mães e os pais têm sobre a qualidade da sua relação coparental, verificando-se que percecionam que a díade coparental tende a partilhar e a concordar relativamente a aspetos relacionados com a criança, nomeadamente princípios morais, formas de exercer a disciplina e de prestar cuidados, ou decisões sobre as necessidades da criança. Consideram que a díade tende a prestar-se suporte recíproco nas diversas questões relacionadas com a parentalidade e consideram que a outra figura parental presta apoio à sua parentalidade. Reportam ainda que a díade não expõe as crianças aos conflitos existentes entre si. As mães reportam ainda que a díade não assume comportamentos e estratégias de contaminação parental, que dificultem interações saudáveis entre a outra figura parental e a criança, e os pais percecionam que a partilha de aspetos relacionados com a parentalidade melhoram e reforçam o relacionamento do casal. As perceções

sobre a qualidade da relação coparental reportadas pela amostra em estudo aproximam-se às reportadas pela amostra do estudo de Feinberg e colaboradores (2012).

Na perspetiva materna verificou-se, ainda, que quanto mais elevadas as habilitações literárias dos pais, maior é a perceção de apoio prestado por este à parentalidade materna, resultado que pode ser compreendido se se considerar que o pai com habilitações literárias mais elevadas, possui maior conhecimento sobre as necessidades de desenvolvimento da criança e recursos psicológicos, que lhe permitem assumir maior responsabilidade parental. (e.g. Bailey, 1994; Coley & Lansdale, 1999).

Quanto mais horas a mãe trabalha por semana, menor é o suporte coparental recíproco percecionado pela figura materna, o que de acordo com alguns investigadores se deve ao facto de o número de horas de trabalho das figuras parentais ter consequências negativas no bem-estar e no funcionamento familiar (e.g., Alexander & Baxter, 2005; Johnson, Li, Kendall, Strazdins, & Jacoby, 2013), uma vez que os cuidadores com um horário laboral mais alargado tendem a indicar níveis mais elevados de cansaço e stress (Bianchi & Milkie, 2010; Johnson et al., 2013), maiores níveis de conflito, e menores níveis de interação positiva (e.g., Volling & Belsky, 1991; Russell, 2009), conduzindo a uma menor partilha de responsabilidades parentais (e.g. Bianchi, 2000; Alexander & Baxter, 2005; Barnes, Bryson, & Smith, 2006).

Quando o rendimento familiar é mais elevado, a mãe perceciona o apoio que o pai presta à sua parentalidade como sendo maior, resultado que vai de encontro ao sugerido pela literatura, uma vez que a mãe considera que rendimentos mais elevados se traduzem em maiores contribuições para a casa e para a criança (e.g. Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

Contrariamente ao que foi verificado noutros estudos (e.g., Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009; Doherty & Beaton, 2004; Lindsey, E., Caldera, Y., & Colwell, M., 2005), nos quais a idade dos pais se encontra significativamente associada à coparentalidade, nomeadamente aos comportamentos de suporte entre a díade, na presente investigação a idade da mãe não se encontra associada à qualidade da relação coparental, o que pode dever-se à idade das mães que constituem a amostra em estudo, cuja média são 37 anos. Corroborando resultados de estudos anteriores, não se verificaram associações entre as habilitações literárias maternas e a qualidade da relação coparental (e.g., Burney e Leerkes, 2010), bem como entre a idade e o sexo da criança e a qualidade da coparentalidade (e.g., Stright & Bales, 2003).

Na perspetiva paterna constatou-se que quanto mais alargado é o horário de trabalho semanal do pai, menor é a sua perceção de acordo relativamente a aspetos

relacionados com a criança, o que pode ser melhor compreendido se se considerarem as hipóteses explicativas, sugeridas pela literatura, relativamente ao número de horas de trabalho dos cuidadores e sua influência na qualidade da relação coparental, já referidas anteriormente.

Verificou-se, também, que quanto mais velha é a criança, maior é a percepção paterna de apoio prestado pela mãe à sua parentalidade pois quando a criança é mais nova, requer maior participação física, e quando é mais velha requer maior trabalho de equipa por parte de ambos os cuidadores no que respeita à tomada de decisão (Doherty & Beaton, 2004).

Na perspectiva do pai não se encontraram associações entre a idade e as habilitações literárias dos cuidadores e a qualidade da relação coparental, o que vai de encontro aos resultados reportados por alguns estudos anteriores (e.g., Gable et al., 1995; Burney & Leerkes, 2010), embora, no que respeita às habilitações literárias, a literatura seja inconsistente, uma vez que algumas investigações apontam para uma associação positiva e significativa entre o nível educativo das figuras parentais e a qualidade da relação coparental percecionada (e.g., Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013; Palkovitz, 2002; Stright & Bales, 2003), enquanto outros não encontram associações entre as duas variáveis (e.g., Gable, et al., 1995; Burney & Leerkes, 2010). Corroborando os resultados obtidos por Stright e Bales (2003), também não se verificaram associações entre o sexo da criança e a qualidade da relação coparental. Contrariamente ao esperado, e ao verificado na perspectiva da mãe, o rendimento familiar não se encontra associado à qualidade da coparentalidade (Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009).

Analisou-se, ainda, a concordância entre as perspectivas de ambas as figuras parentais acerca da qualidade da relação de coparentalidade e, das quatro dimensões consideradas, verificou-se que mãe e pai concordam no que respeita ao acordo relativamente a aspetos relacionados com a criança, no apoio que a outra figura parental presta à sua parentalidade e na exposição ao conflito. Estes resultados estão de acordo com os obtidos por Feinberg e colaboradores (2012) e Pedro e Ribeiro (2015), embora os autores apresentem valores de concordância mais elevados.

Relativamente ao envolvimento paterno, verificou-se que os pais percecionam uma aproximação à partilha igualitária entre ambos os cuidadores no que respeita aos cuidados diretos. Os Cuidados Indiretos são percecionados como sendo assumidos, mais frequentemente, pela mãe. As atividades relativas à Brincadeira e ao Lazer no Exterior são percecionadas como sendo assumidas igualmente pelo pai e pela mãe.

Estes resultados são sustentados pela literatura, por exemplo, Monteiro e colaboradores, (2010) verificaram que pais e mães participam tendencialmente de forma igualitária nos Cuidados Diretos. Por outro lado, diversos estudos apontam que é a mãe quem assume mais frequentemente as atividades inerentes aos Cuidados, nomeadamente os Cuidados Indiretos (e.g. Bailey, 1994; Deutsch, 2001; Lewis & Lamb, 2003), o que se verifica também em amostras portuguesas com crianças em idade pré-escolar (e.g., Monteiro et al., 2006; Monteiro et al., 2008; Pimenta et al., 2010). No que respeita às atividades de Socialização, a investigação confirma uma participação tendencialmente igualitária (e.g., Pleck & Masciadrelli, 2004; Lima, 2005; Monteiro et al., 2006; Monteiro et al., 2008; Pimenta et al., 2010).

Embora o pai se mostre mais envolvido no quotidiano dos filhos face a gerações anteriores (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Lamb, 2010), Pleck e Masciadrelli (2004) consideram que a sua participação, comparativamente à mãe, é ainda menor e modesta. Barker e Pawlak (2011) acrescentam que os resultados relativos aos Cuidados, e sobretudo aos Cuidados Indiretos, transparecem ainda a tendência para a divisão das responsabilidades em função do género parental. No entanto, nas famílias em que ambos os cuidadores trabalham, existe tendência para um maior envolvimento paterno (Cabrera et al., 2000; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Relativamente às variáveis sociodemográficas verificou-se que quanto mais elevadas são as habilitações literárias do pai, maior é a sua participação nas atividades de Cuidado Indireto e de Lazer no Exterior, sendo estes resultados concordantes com os obtidos em investigações interiores (e.g., Fernandes e colaboradores, 2015; Monteiro e colaboradores, 2010). Por um lado, os pais com habilitações literárias mais elevadas tendem a possuir competências sociais, recursos psicológicos e conhecimentos sobre as necessidades de desenvolvimento da criança (Bailey, 1994; Coley & Lansdale, 1999) e por outro, mais facilmente desconstróem e contrariam expectativas tradicionais acerca dos papéis de género, o que lhes possibilita assumir maiores responsabilidades parentais e participar mais ativamente no quotidiano dos filhos (Jacobs & Kelley, 2006; Marks, Bun, & McHale, 2009).

Contrariamente ao esperado, não se verificaram associações entre o envolvimento paterno e a idade dos cuidadores (e.g., Pimenta et al., 2010; Monteiro et al., 2010), as habilitações literárias maternas (Monteiro et al., 2010) e o número de horas de trabalho semanal de ambas as figuras parentais (e.g., NICHD Early Child Care Research Network, 2000; McBride et al., 2002; Pleck & Masciadrelli, 2004; Lima, 2005; Jacobs & Kelley, 2006; Pimenta et al., 2010; Fernandes et al., 2015).

A ausência de associações entre o envolvimento paterno e a idade da criança vai ao encontro dos resultados de estudos realizados com amostras portuguesas (e.g., Lima, 2005; Monteiro et al., 2010); assim como a ausência de diferenças no envolvimento paterno em função do sexo da criança (e.g., Bailey, 1994; Schoppe-Sullivan et al., 2004; Monteiro et al., 2006).

Analisando os Estilos Parentais, constatou-se que tanto as mães como os pais reportam padrões comportamentais mais consistentes com um Estilo Autoritativo. Os dados reportados na literatura caracterizam, tendencialmente, os pais como mais autoritários, comparativamente com as mães que, por sua vez, tendem a ser mais autoritativas (Russell, Aloa, Feder, Golva, Miller, & Palmer, 1998; Winsler et al., 2005). Os resultados relativos ao pai podem ser melhor compreendidos se se considerar que a figura paterna deixou de estar restrita à função de impor autoridade e inculcar disciplina (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004) e passa agora a mostrar-se mais afetuoso, próximo e responsivo às necessidades das crianças (e.g., Gaertner et al., 2007; Lamb, 2010; Lamb & Lewis, 2010).

Quanto maior o rendimento familiar, menor a tendência para a mãe assumir um Estilo Autoritário, resultado que vai ao encontro do descrito por Fontaine (1986), em que o baixo estatuto socioeconómico está associado ao estilo autoritário. Outros autores (e.g., Ceballo & Rodrigo, 2008; Shaffer, 2005) constataram que os pais de níveis económicos mais baixos tendem a recorrer a um estilo autoritário, mostrando menor tendência para a flexibilidade, para a expressão de afeto, fazendo uso de mais controlo e de estratégias baseadas na afirmação de poder (e.g., restrição e castigo).

Quanto mais velho é o pai, menor a tendência para este assumir um estilo permissivo. Todavia, investigações anteriores não tendem a encontrar associações entre os estilos parentais e a idade dos cuidadores (e.g., Dornbusch, et al., 1987; Monteiro et al., 2017). Tal resultado pode ser justificado pela experiência adquirida ao longo dos anos relativamente à parentalidade, ou pode dever-se à já existente estabilidade profissional e financeira, que poderá contribuir para uma maior disponibilidade dos pais para participarem na educação e acompanharem os seus filhos (Paz, 2014).

Quanto mais horas a mãe trabalha por semana, menor a tendência para o pai assumir um estilo permissivo. As figuras parentais descrevem que o seu emprego, e todos os aspetos que lhe estão associados, constituem um desafio para equilibrar o trabalho e os domínios tempo/família, pelo que o horário de trabalho pais pode ser visto como uma influência contextual social (Coyl-Shepherd & Newland, 2013; Milkie, Kendig, Nomaguchi & Denny, 2010) no comportamento parental assumido. Nas

famílias em que ambos os cuidadores trabalham a tempo inteiro, as horas de trabalho das mães previram a quantidade de responsabilidade que os homens assumiam para cuidar e educar os filhos (Jacobs & Kelley, 2006). A isto, acrescentam-se as expectativas sociais quanto ao papel desempenhado pela figura paterna, ao nível da imposição de autoridade e de disciplina (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004) e, atualmente, de maior responsabilidade às necessidades da criança, maior demonstração de afeto e maior proximidade (e.g., Gaertner et al., 2007; Lamb, 2010; Lamb & Lewis, 2010).

Contrariamente ao esperado, não foram encontradas associações com as habilitações literárias dos cuidadores (e.g., Benson & Haith, 2009; Kashahu, Dibra, Osmanaga, & Bushati, 2014; Kobarg & Vieira, 2008; Monteiro et al., 2017; Silva, Del Prette, & Del Prette, 2002). Também não se verificaram associações entre a idade da criança e os estilos parentais, resultado que não corrobora os obtidos por investigações anteriores (e.g., Cohen & Rice, 1997; Reppold, Pacheco, Bardagi, & Hutz, 2002).

Não foram encontradas diferenças significativas nos estilos parentais consoante o sexo da criança e, neste aspeto, a literatura não é consistente, pois por um lado há autores que indicam que os pais e as mães apresentavam estilos parentais diferentes de acordo com o sexo dos filhos (ver Conrade & Ho, 2001; Dornbusch et al., 1987; Kashahu et al., 2014; Mckinney & Renk, 2008), e por outro, há estudos (ver Finkenauer, Engels, & Baumeister, 2005; Nunes, Franco, & Vieira, 2013; Sampaio, 2007) que constatarem que, nem sempre, os estilos parentais assumidos pelos cuidadores são diferentes para crianças do sexo masculino e do sexo feminino.

Analisando a concordância entre os estilos parentais de mães e de pais, verificou-se que estes apenas concordaram no Estilo Autoritário. Lindsey e Mize (2001) referem que os estilos parentais dos pais e das mães são conceptualizados como sendo interdependentes. Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf e Frosch (2001), acrescentam que os pais necessitam de adotar práticas semelhantes e consistentes relativamente à educação da criança, sendo aliados um do outro no desempenho do seu papel parental, uma vez que isto proporciona uma importante contribuição no desenvolvimento e funcionamento das crianças, talvez até mais importante do que as contribuições individuais dos estilos parentais assumidos pelos mesmos.

Por fim, o presente estudo analisou como é que a qualidade da relação coparental se encontra associada com o envolvimento paterno e os estilos parentais de mãe e pai. Relativamente à relação entre o envolvimento paterno e a qualidade da relação coparental, na perspetiva materna, constatou-se quando o pai está mais envolvido em atividades de Cuidado Indireto, as mães tendem a perceber níveis mais

elevados de acordo coparental relativamente a aspetos relacionados com a criança, o que corresponde a uma qualidade da relação coparental mais positiva. Na perspetiva paterna, quando o pai está mais envolvido em atividades de Cuidado Direto, Brincadeira e Lazer, este percebe níveis mais elevados de Exposição ao Conflito, o que corresponde a menor qualidade da relação coparental.

Estes resultados não corroboram os obtidos em alguns estudos (e.g., Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011), nos quais um maior envolvimento do pai nos cuidados diretos conduz a comportamentos de enfraquecimento coparental, enquanto um maior envolvimento paterno nas atividades de socialização conduz a comportamentos de suporte coparental. O número de estudos que analisam a relação entre estas duas variáveis é reduzido, mas ainda assim a investigação tem indicado que, em famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar, o envolvimento do pai surge como um preditor significativo da qualidade da relação de coparentalidade (e.g. Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Fagan & Cabrera, 2012). Pais que residem com os seus filhos reportam um maior envolvimento, comparativamente com os que não residem (e.g. Bruce & Fox, 1999; Carlson, McLanahan, & Brooks-Gunn, 2008). Além disso, as crianças desta faixa etária tornam-se elementos mais competentes na regulação das interações, facilitando o envolvimento paterno (Halme, Ästedt-Kurki, & Tarkka, 2009). McHale e Fivaz-Depeursinge (1999) sugerem que, embora o maior envolvimento paterno possa implicar maior desacordo entre as figuras parentais no que respeita à educação da criança, a participação daquele poderá resultar em maior colaboração parental e Jia e Schoppe-Sullivan (2011) acrescentam que o maior envolvimento paterno desejado pela mãe, poderá resultar em benefícios para a relação coparental.

Da análise à relação entre os Estilos Parentais dos cuidadores e a qualidade da relação coparental, na perspetiva de ambos, verificou-se que, no geral, o estilo autoritativo associa-se a perceções elevadas nas dimensões do suporte e do apoio, que correspondem a maior qualidade de relação coparental, e os estilos autoritário e permissivo associam-se a perceções mais elevadas de comportamentos de contaminação parental e exposição ao conflito por um lado, e a perceções de menor acordo e suporte por outro, o que indica menor qualidade da relação coparental.

Abidin e Brunner (1995) verificaram resultados semelhantes nos seus estudos, uma vez que a uma perceção mais elevada da qualidade da relação coparental surgiu associada ao estilo autoritativo, e inversamente uma menor perceção da qualidade da relação coparental surgiu associada aos estilos permissivo e autoritário. A literatura

suporta estes resultados, salientando que coparentalidade pressupõe uma relação diádica e que implica um processo bi-direccional, uma vez que, ambos os parceiros afetam e são afetados pelos comportamentos e atitudes um do outro (e.g., Feinberg, 2003; Gordon & Feldman, 2008; Van Egeren & Hawkins, 2004), não só relativamente um ao outro, como também de cada um em relação à criança.

No que respeita às limitações do estudo, refira-se a homogeneidade da amostra analisada, sendo constituída apenas por sujeitos casados e a viver em união de facto, podendo ser interessante alargar a amostra a outro tipo de estruturas familiares. Acrescentam-se ainda outros aspetos relacionados com a amostra por conveniência, nomeadamente a sua dimensão reduzida, a sua restrição geográfica a casais residentes na região de Lisboa e Vale do Tejo, a menor amostra de pais em comparação à amostra de mães, e a limitação a crianças que frequentavam estabelecimentos de ensino privado, não permite uma representatividade da população portuguesa. Uma outra limitação poderá prender-se com a desejabilidade social das respostas aos instrumentos utilizados para medir cada uma das variáveis, o que influencia as respostas no sentido daquilo que é considerado socialmente aceite, pelo que a metodologia de observação complementar seria fundamental.

Apesar do crescente interesse sobre a coparentalidade e sobre o envolvimento paterno, os estudos que analisam a relação entre as duas variáveis é ainda reduzido (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010), pelo que será fundamental investir no estudo da relação entre ambas, procurando compreender que fatores podem reforçar ou enfraquecer as associações entre o envolvimento do pai e a qualidade da relação coparental (Jia & Schoppe-Sullivan, 2011). Uma vez que a qualidade do relacionamento da díade coparental tem impacto no comportamento parental individual, é igualmente necessário expandir o conhecimento sobre a relação entre a coparentalidade e os estilos parentais (Simões, 2011).

Em estudos futuros seria importante considerar a perspetiva de ambas as figuras parentais em relação ao envolvimento paterno, integrando o tempo passado em interações com a criança, e a qualidade desse envolvimento (e.g., Hernandez & Coley, 2007; Saracho & Spodek, 2008), de forma a integrar uma abordagem mais completa do constructo. A literatura sugere que seria importante analisar outros fatores explicativos da variabilidade do envolvimento do pai, como por exemplo, as crenças da mãe acerca do seu papel e do pai (e.g. Lima, 2005; Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008; Monteiro et al., 2010).

Será, também, benéfico complementar os instrumentos de autorrelato com metodologia de observação (e.g., Buckley e Schoppe-Sullivan, 2010; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011; Monteiro et al., 2010; Winsler et al., 2005), podendo analisar-se outros aspetos comportamentais do envolvimento paterno, como a sensibilidade e o apoio do pai na interação com a criança, bem como comportamentos de cooperação entre a díade coparental na interação com a criança (e.g., Gardner, 2000; Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010). Desta forma, compara-se a informação descrita pelos pais com a descrição de observadores independentes, de modo a obter-se uma melhor análise e compreensão dos constructos.

Considerando os resultados obtidos no presente estudo, bem como os resultados de investigações anteriores, acrescentando as evidências dos estudos que procuram compreender o papel de cada uma destas variáveis no desenvolvimento e funcionamento da criança, torna-se essencial investir em medidas de intervenção com as figuras parentais (e.g., Doherty, Erickson, & LaRossa, 2006), nomeadamente em programas de formação parental, que trabalham na promoção das competências parentais, com vista à adaptação sócio-afectiva e comportamental das crianças (Simões, 2011; Santis & Barham, 2017).

REFERÊNCIAS

- Abidin, R. R. & Brunner, J. F. (1995). Development of a Parenting Alliance Inventory. *Journal of Clinical and Child Psychology*, 24 (1), 31-40.
- Aboim, S. (2010). Género, Família e Mudança em Portugal. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Eds.), *A Vida Familiar no Masculino: Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 29-66). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Alexander, M., & Baxter, J. (2005). Impacts of work on family life among partnered. *Family Matters*, 72, 18-25.
- Aunola, K., Nurmi, J. (2005). The Role of Parenting Styles in Children's Problem Behavior. *Child Development*, 76 (6), 1144-1159.
- Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology*, 155, 331-339. doi: 10.1080/00221325.1994.9914783
- Barker, G., & Pawlak, P. (2011). Men, Families, Gender Equality and Care Work. In United Nations (Ed.), *Men in Families and Family Policy in a Changing World* (pp. 9-45). NY: United Nations.
- Barnes, M., Bryson, C., & Smith, R. (2006). *Working atypical hours: What happens to 'family life'?*. London: National Centre for Social Research.
- Barnett, R. C., & Baruch, G. B. (1987). Determinants of father's participation in family work. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 29-40.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. doi: 10.2307/1126611.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1975). The contributions of the family to the development of competence in children. *Schizophrenia Bulletin*, 1 (14), 12.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth and Society*, 9, 239-276.
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In R. Lerner, A.C. Petersen, & J. Brooks-Gunn (Eds.), *The encyclopedia of adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland.

- Baumrind, D., Larzelere, R., & Owens, E. (2010). Effects of preschool parents' power assertive patterns and practices on adolescent development. *Parenting: Science and Practice*, 10, 157-201.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Belsky, J., Crnic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with toddler boys: Spousal differences and daily hassles. *Child Development*, 66(3), 629 -642. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00894.x
- Belsky, J., Putnam, S., & Crnic, K. (1996). Coparenting, parenting, and early emotional development. In J. P. McHale, & P. A. Cowan (Eds.), *Understanding how family-level dynamics affect children's development: Studies of two-parent families. New directions for child development* (pp. 45–55). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Benson, J. B., & Haith, M. M. (2009). *Social and emotional development in infancy and early childhood*. Elsevier: Amsterdam.
- Bianchi, S. M., & Milkie, M. A. (2010). Work and Family Research in the First Decade of the 21st Century. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 705-725. doi: 10.1111/j.1741 3737.2010.00726.x
- Bonds, D. D., & Gondoli, D. M. (2007). Examining the process by which marital adjustment affects maternal warmth: the role of coparenting support as a mediator. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 288-96. doi: 10.1037/0893-3200.21.2.288
- Bonney, J. F., Kelley, M. L., & Levant, R. F. (1999). A model of fathers' behavioral involvement in child care in dual-earner families. *Journal of Family Psychology*, 13(3), 401.
- Bornstein, M. H. (2002). Parenting infants. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 1. Children and parenting* (2nd ed.) (pp. 3-43). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Bronte-Tinkew, J., & Horowitz, A. (2009). Factors Associated With Unmarried, Nonresident Fathers' Perceptions of Their Coparenting. *Journal of Family Issues*, 31(1), 31-65. doi: 10.1177/0192513X09342866
- Bronte-Tinkew, J., & Moore, K. A. (2004). *The Developing a Daddy Survey (DADS) Project: Framework Paper*. Paper prepared for the National Institute for Child Health and Human Development, Child Trends, Washington, DC.

- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. A., & Carrano, J. (2006). The father-child relationship, parenting styles, and adolescent risk behaviors in intact families. *Journal of Family Issues*, 27(6), 850-881.
- Buckley, C. K., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2010). Father involvement and coparenting behavior: Parents' nontraditional beliefs and family earner status as moderators. *Personal Relationships*, 17(3), 413-431. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01287.x
- Burney, R. V., & Leerkes, E. M. (2010). Links between mothers' and fathers' perceptions of infant temperament and coparenting. *Infant Behavior and Development*, 33(2), 125 -135. doi: 10.1016/j.infbeh.2009.12.002
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the Dynamics of Paternal Influences on Children Over the Life Course. *Applied Development Science*, 11(4), 185-189. doi: 10.1080/10888690701762027
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999, August). *Measuring father involvement in the early start evaluation: A multidimensional conceptualization*. Paper presented at the National Conference on Health Statistics, Washington, D.C., E.U.A.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127-136. doi: 10.1111/1467-8624.00126.
- Campos, D., & Cruz, O. (2011). Questionário de Estilos Parentais (QEP) revisitado. In Atas do VIII congresso ibero-americano de avaliação psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos, Lisboa.
- Carneiro, C., Corboz-Warnery, A., & Fivaz-Depeursinge, E. (2006). The Prenatal Lausanne Trilogue Play: A new observational assessment tool of the prenatal coparenting alliance. *Infant Mental Health Journal*, 27(2), 207-228. doi: 10.1002/imhj.20089
- Castillo, J., Welch, G., & Sarver, C. (2011). Fathering: The Relationship Between Fathers' Residence, Fathers' Sociodemographic Characteristics, and Father Involvement. *Matern Child Health*, 15(8), 1342-1349. doi: 10.1007/s10995-010-0684-6
- Ceballos, E., & Rodrigo, M.J. (2008). Las metas y estrategias de socialización entre padres e hijos. In M.J. Rodrigo & J. Palácios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 225-243). Madrid: Alianza Editorial.
- Cohen, D. & Rice, J. (1997). *Parenting styles, adolescent substance use and academic achievement*. *J Drug Educ*, 27 (2), 199-211

- Coley, R. L., & Lansdale, P. L. (1999). Stability and Change in Paternal Involvement among Urban African American Fathers. *Journal of Family Psychology, 13*(3), 416-435.
- Conrade, G., & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers. *Australian Journal of Psychology, 53* (1), 29-35.
Doi:10.1080/00049530108255119
- Coyl-Shepherd, D. D., Newland, L. A., & Freeman, H. (2010). Predicting preschoolers' attachment security from parenting behaviours, parents' attachment relationships and their use of social support. *Early Child Development and Care, 180*, 499-512. doi: 10.1080/03004430802090463
- Cummings, M., Davies, P., & Campbell, S. (2000). *Developmental Psychopathology and family process: Theory, research and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N. (1999). *Parenting style and its correlates*. Champaign IL: ERIC/EECE Publications Digests.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin, 113*, 487-496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487.
- Davis, J. E., & Perkins, W. E. (1996). *Fathers' Care: A Review of the Literature*. Paper prepared for the National Center on Fathers and Families, Philadelphia, E.U.A.
- Dette-Hagenmeyer, D. E., Erzinger, A. B., & Reichle, B. (2014). The changing role of the father in the family. *European Journal Development Psychology, 11*(2), 129-135. doi: 10.1080/17405629.2014.883313.
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society, 10*(1), 25 -28. doi: 10.1111/1467-8721.00107
- Dishion, T.J., & McMahon, R.J. (1998). Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: A conceptual and empirical foundation. *Clinical Child and Family Psychology Review, 1*, 61-75.
- Dixon, S.V., Graber, J.A., & Brooks-Gunn, J. (2008). The roles of respect for parental authority and parenting practices in parent-child conflict among African American, Latino, and European American families. *Journal of Family Psychology, 22*(1), 1-10
- Doherty, W. J., & Beaton, J. M. (2004). Mothers and fathers parenting together. In A. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication* (pp. 269-286). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Doherty, W., Erickson, M. F., & LaRossa, R. (2006). An Intervention to Increase Father Involvement and Skills With Infants During the Transition to Parenthood. *Journal of Family Psychology, 20*(3), 438-447. doi: 10.1037/0893-3200.20.3.438
- Dornbusch, S.M., Ritter, P.L., Leiderman, P.H., Roberts, D.F., & Fraleigh, M.J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development, 58*, 1244-1257.
- Durst, P. L., Wedemeyer, N. V., & Zurcher, L. A. (1985). Parenting partnerships after divorce: Implications for practice. *Social Work, 30*(5), 423-428. doi: 10.1093/sw/30.5.423
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development, 55*, 740-752.
- Egeren, L. (2004). The development of coparenting over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 25*(5), 453-477. doi: 10.1002/imhj.20019
- Egeren, L., & Hawkins, D. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development, 11*(3), 165-178. doi: 10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b
- Elliston, D., McHale, J., Talbot, J., Parmley, M., & Kuersten-Hogan, R. (2008). Withdrawal from coparenting interactions during early infancy. *Family Process, 47*(4), 481-499. doi: 10.1111/j.1545-5300.2008.00267.x
- Escobedo, A., & Wall, K. (2015). Leave policies in Southern Europe: continuities and changes. *Community, Work & Family, 18*, 218-235. doi: 10.1080/13668803.2015.1024822
- Esteves, A. (2010). *Estilos Parentais e Coparentalidade: Um Estudo Exploratório com Casais Portugueses*. Faculdade de Psicologia, Lisboa.
- Fabes, R. A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental Coping with Children's Negative Emotions: Relations with Children's Emotional and Social Responding. *Child Development, 72*(3), 907-920. doi: 10.1111/1467-8624.00323
- Fagan, J., & Cabrera, N. (2012). Longitudinal and Reciprocal Associations Between Coparenting Conflict and Father Engagement. *Journal of Family Psychology, 26*(6), 1004-11. doi: 10.1037/a0029998
- Fagan, J., & Palm, G. (2004). *Fathers and early childhood programs*. Clifton Park, NY: Delmar.

- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and prevention at the transition to parenthood. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173-195. doi: 10.1023/A:1019695015110
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95 -131. doi: 10.1207/S15327922PAR0302_01.
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A Multi-Domain Self-Report Measure of Coparenting. *Parenting: Science and Practice*, 12 (1), 1-21. doi: 10.1080/15295192.2012.638870
- Fernandes, M., Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2015). *Effects of Educational Level and Working Hours on Father's Parenting Style and Level of Involvement*. Paper presented at the 17th European Conference on Developmental Psychology. Braga: Portugal.
- Finkenauer, C., Engels, R. C., & Baumeister, R. F. (2005). Parenting behaviour and adolescent behavioural and emotional problems: The role of self-control. *International Journal of Behavioral Development*, 29(1), 58-69.
- Fontaine, A. M. (1986). Práticas educativas de mães portuguesas. Diferenças em função do nível socioeconómico e da zona de residência da família. *Análise Social*, 22(92/93), 795-811.
- Frizzo, G., Kreutz, C., Schmidt, C., Piccinini, C. & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e as suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15, 84 - 94.
- Fuertes, M., Faria, A., Beeghly, M., & Lopes-dos-Santos, P. (2016). The effects of parental sensitivity and involvement in caregiving on mother-infant and father-infant attachment in a Portuguese sample. *Journal of Family Psychology*, 30, 147-156. doi: 10.1037/fam0000139
- Gable, S., Belsky, J., & Crnic, K. (1995). Coparenting during the child's second year: A descriptive account. *Journal of Marriage and the Family*, 57(3), 609-616. doi: 10.2307/353916
- Gaertner, B. M., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Greving, K.A. (2007). Parental childrearing attitudes as correlates of father involvement during infancy. *Journal of Marriage and Family*, 69(4), 962-976. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00424.x
- Gardner, F. (2000). Methodological issues in the direct observation of parent-child interaction: do observation findings reflect the natural behavior of participants?

- Clinical Child and Family Psychology Review*, 3(3), 185-198. doi:
10.1023/A:1009503409699
- Ge, X., Conger, R. D., Loernz, F. O., & Simons, R. L. (1994). Parents' stressful life events and adolescent depressed mood. *Journal of Health and Social Behavior*, 35(1), 28-44.
- Glaser, K., Price, D., Montserrat, E. R., Gessa, G., & Tinker, A. (2013). *A prestação de cuidados pelos avós na Europa: as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, I. & Feldman, R. (2008). Synchrony in the triad: A microlevel process model of coparenting and parent-child interactions. *Family Process*, 47(4), 465-479.
- Gorman-Smith, D., Tolan, P., Henry, D., & Florsheim, P. (2000). Patterns of family functioning and adolescent outcomes among urban African-American and Mexican-American families. *Journal of Family Psychology*, 14, 436-457.
- Grolnick, W. S., & Ryan, R. M. (1989). Parent styles associated with children's self regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology*, 81(2), 143 -154. doi: 10.1037/0022-0663.81.2.143.
- Grusec, J.E., & Ungerer, J. (2003). Effective socialization as problem solving and the role of parenting cognitions. In L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of dynamics in parent-child relations* (pp. 211-228). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Grych, J.H. (2002). Marital relations and parenting. In M.H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 4: Social conditions and applied parenting* (2nd ed., pp. 203-225). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1993). Children's appraisals of marital conflict: Initial investigations of the cognitive-contextual framework. *Child Development*, 64(1), 215 -230. doi: 10.1111/j.1467-8624.1993.tb02905.x
- Halgunseth, L.C., Ispa, J.M., & Rudy, D. (2006). Parental control in Latino families: An integrated review of the literature. *Child Development*, 77(5), 1282-1297.
- Hawkins, A. J., & Palkovitz, R. (1999). Beyond ticks and clicks: The need for more diverse and broader conceptualizations and measures of father involvement. *The Journal of Men's Studies*, 8, 11-32. doi: 10.3149/jms.0801.11
- Heaven, P., & Ciarrochi, J. (2008). Parental styles, gender and the development of hope and self-esteem. *European Journal of Personality*, 22(8), 707-724. doi: 10.1002/per.699.

- Hernandez, D. C., & Coley, R. L. (2007). Measuring father involvement within low-income families: Who is a reliable and valid reporter?. *Parenting: Science and Practice*, 7(1), 69-97. doi:10.1207/s15327922par0701_4
- Ho, C., Bluestein, D.N., & Jenkins, J.M. (2008). Cultural differences in the relationship between parenting and children's behavior. *Developmental Psychology*, 44(2), 2, 507-522.
- Hofferth, S., & Anderson, K. (2003). Are all dads equal? Biology versus marriage as a basis for parental investment. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 213-232. doi: 10.1111/j.1741-3737.2003.00213.x
- Hoghugh, M. (2004). Parenting – An Introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting: Theory and Research for Practice* (pp. 1-18). London: SAGE Publications.
- Howe, G. W., Bishop, G., Armstrong, B., & Fein, E. (1984). Parental decision-making styles during and after divorce. *Conciliation Courts Review*, 22(2), 63-70. doi: 10.1111/j.174-1617.1984.tb00101.x
- Jacobs, J. E., & Bleeker, M. M. (2004). Girls' and boys' developing interests in math and science: Do parents matter?. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 106, 5-21. doi: 10.1002/cd.113
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare with dual-earner families with young children. *Fathering*, 4(1), 23-47.
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106-118. doi: 10.1037/a0020802
- Johnson, S., Li, J., Kendall, G., Strazdins, L., & Jacoby, P. (2013). Mothers' and Fathers' Work Hours, Child Gender, and Behavior in Middle Childhood. *Journal of Marriage and Family*, 75(1), 56-74. doi: 10.1111/j.1741-3737.2012.01030.x
- Kashahu, L., Dibra, G., Osmanaga, F. & Bushati, J. (2014). The Relationship Between Parental Demographics, Parenting Styles And Student Academic Achievement. *European Scientific Journal*, 10 (13), 237-251
- Kobarg, A. P., & Vieira, M. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 21 (3), 401-08.

- Kuerston-Hogan, R. (2007). In J. P. McHale (Ed.), *Charting the Bumpy Road of Coparenthood: Understanding the Challenges of Family Life* (pp. 1-23). Washington: Zero to Three.
- Lamb, M. E. (2000). The History of Research on Father Involvement. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 23-42. doi: 10.1300/J002v29n02_03
- Lamb, M. E. (2002). Infant-father attachments and their impact on child development. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement: Multidisciplinary perspectives* (pp. 93-117). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (Ed.). (2004). *The role of the Father in Child Development* (4th ed.). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E. (Ed.). (2010). *The role of the Father in Child Development* (5th ed.). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2004). The Development and Significance of Father-Child Relationships in Two-Parent Families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 272-306). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp.111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the Father: An Introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the Father in Child Development* (4th ed.) (1-31). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of Competence and Adjustment among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent, and Neglectful Families. *Child Development*, 62(5), 1049-1065. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x
- Lamela, D., Costa, R. N., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
- Lamela, D., Castro, M., & Figueiredo, B. (2013). Medida da aliança parental: validação portuguesa e construção de uma versão reduzida. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 40(6), 215-219. Retirado de <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol40/n6/215.htm>
- Laureano, R. M. S. (2010). *Testes de Hipóteses com o SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Lewis, C., & Lamb, M. (2003). Fathers' Influence on Children's Development: The Evidence from Two-Parent Families. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 211-228. doi: 10.1007/BF03173485.
- Lewis, C., & Lamb, M. (2010). The Development and Significance of Father-Child Relationships in Two-Parent Families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed.) (pp. 94-153). New York, NY: Wiley.
- Lima, J. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. B. Ruivo, *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 200-233). Porto, Portugal: Livpsic.
- Lindsey, E., & Caldera, Y. (2006). Coparenting, mother-infant interaction, and infant-parent attachment relationships in two-parent families. *Sex Roles*, 55, 511-521. doi: 10.1007/s11199-006-9106-z
- Lindsey, E., Caldera, Y., & Colwell, M. (2005). Correlates of Coparenting During Infancy. *Family Relations*, 54(3), 346-359. doi: 10.1111/j.1741-3729.2005.00322.x
- Lindsey, E.W. & Mize, J. (2001). Interparental agreement, parent-child responsiveness, and children's peer competence. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*, 50, 348-354.
- López-Soler, C., Puerto, J. C., López-Pina, J. A., & Prieto, M. (2009). Percepción de los estilos educativos parentales e inadaptación en menores pediátricos. *Anales de Psicología*, 25(1), 70-77.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol.4. Socialization, personality, and social development* (4th ed.) (pp. 1-101). New York: John Wiley.
- Mandara, J., & Murray, C. B. (2002). Development of an empirical typology of African American family functioning. *Journal of Family Psychology*, 16, 318-337.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21. doi: 10.1037/0893-3200.15.1.3
- Marks, J., Bun, L. C., & McHale, S. M. (2009). Family patterns of gender role attitudes. *Sex Roles*, 61, 221-234. doi: 10.1007/s11199-009-9619-3

- Marsiglio, W. (1991). Paternal engagement activities with minor children. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 973–986.
- Marsiglio, W., Amato, P., Day, R. D., & Lamb, M. E. (2000). Scholarship on fatherhood in the 1990s and beyond. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1173-1191. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.01173.x
- Martin, C., & Redshaw, M. (2010). Fathers in the twenty-first century: essential role or accessory?. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 28(2), 113-115. doi: 10.1080/02646838.2010.484612.
- McBride, B. A., Schoppe-Sullivan, S. J., & Rane, T. R. (2002). Child characteristics, parenting stress, and parental involvement: Fathers versus mothers. *Journal of Marriage and Family*, 64(4), 998-1011. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00998.x
- McConnell, M., & Kerig, P. (2002). Assessing coparenting in families of school-age children: Validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 34(1), 44-58. doi: 10.1037/h0087154.
- McHale, J. P. (1995). Coparenting and triadic interactions during infancy: The roles of marital distress and child gender. *Developmental Psychology*, 31(6), 985-996. doi: 10.1037/0012-1649.31.6.985
- McHale, J. P., & Fivaz-Depeursinge, E. (1999). Understanding triadic and family group interactions during infancy and toddlerhood. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 2(2), 107-127. doi: 10.1023/A:1021847714749
- McHale, J. P., Kazali, C., Rotman, T., Talbot, J., Carleton, M., & Lieberman, R. (2004). The transition to coparenthood: Parents' prebirth expectations and early coparental adjustment at 3 months postpartum. *Development and Psychopathology*, 16(3), 711 -733. doi: 10.1017/S0954579404004742
- McHale, J. P., Khazan, I., Elera, P., Rotman, T., DeCoursey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed.) (pp. 75-107). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- McHale, J. P., & Rotman, T. (2007). Is seeing believing?: Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behavior & Development*, 30(1), 63-81. doi: 10.1016/j.infbeh.2006.11.007
- McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and father Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues*, 29(6), 806-827. doi:10.1177/0192513X07311222.

- Milkie, M. A., Kendig, S. M., Nomaguchi, K. M., & Denny, K. E. (2010). Time with children, children's wellbeing, and work-family balance among employed parents. *Journal of Marriage and Family*, 72, 1329-1343.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, N., & Santos, C. (2017). Fathers involvement and parenting styles in Portuguese families: The role of education and working hours. *Análise Psicológica*, 35(4), 513-528.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspetiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares. Associações com o que é Desejado pela Mãe e com as Características da Criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 120-130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., & Pimenta, M. (2008). Análise do envolvimento parental em famílias portuguesas com crianças em idade pré-escolar. Paper presented at the XIII Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos, Braga, Portugal.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Costa, I., & Pimenta, M. (2008b). *Análise do envolvimento parental em famílias portuguesas com criança sem idade pré-escolar*. Paper presented at the XIII Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos, Braga, Portugal.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(26), 395-409.
- NICHD Early Child Care Research Network (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14, 200-219. doi:10.1037//D893-3200.14.2.200
- Nunes, S. A., Franco, A. M. ., & Vieira, M. L. (2013). Attachment and parental practices as predictors of behavioral disorders in boys and girls. *Paidéia*, 23(56), 369-377
- Oliva, A., Parra, A., Sánchez-Queija, I., & López, F. (2007). Estilos educativos materno y paterno: Evaluación y relación con el ajuste adolescente. *Anales de psicología*, 23(1), 49-56.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais,

- conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização.
Psicologia Reflexão e Crítica (15), 1-11.
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing “involvement:” Expanding conceptualizations of men’s caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D.C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200-206). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Palkovitz, R. (2002). Involved Fathering and Child Development: Advancing our Understanding of Good Fathering. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of Father Involvement: Multidisciplinary Perspectives* (pp. 119-140). Mahwah, NJ: Routledge Academic.
- Parke, R. D. (2000). *Father Involvement. Marriage & Family*, 29(2,3), 43-58. doi: 10.1300/J002v29n02_04.
- Parke, R., & Buriel, R. (1997) Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.). *Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429-504).
- Parke, R.D. & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: ethnic and ecological perspectives. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429-504). New York: Wiley.
- Pachter, L. M., & Dumont-Mathieu, T. (2004). Parenting in Culturally Divergent Settings. In M. Hoghughi & N. Long, *Handbook of Parenting: Theory and Research for Practice* (pp. 88-97). London: SAGE Publications.
- Paz, T. (2014). *Estilos parentais e o rendimento escolar* (Tese de Mestrado). Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa.
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Versão Portuguesa de Autorrelato. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312. doi: 10.1590/1678-7153.201528210.
- Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2015). Adaptação Portuguesa do Questionário de Coparentalidade: Análise Fatorial Confirmatória e Estudos de Validade e Fiabilidade. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(1), 116-125. doi: 10.1590/1678- 7153.201528113
- Pereira, A.I.F. (2007). *Crescer em relação: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento, Estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Tese de

- Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464.
doi:10.1007/s10826-008-9249-3
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I. P. E. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 28(4), 565-580.
- Pleck, J. H. (2010a). Fatherhood and masculinity. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 32–66). New York, NY:Wiley.
- Pleck, J. (2010b). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Eds.), *The role of father in child development* (pp. 58-93). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Pleck, J. H. (2012). Integrating father involvement in parenting research. *Parenting*, 12 (2-3), 243-253.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. (2004). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (Fourth edition, pp. 222-271). New York: Wiley.
- PORDATA (2014). *População empregada a tempo completo e parcial – Mulheres na Europa*. Retirado de <http://www.pordata.pt/>
- Radin, N. (1994). Primary-caregiving fathers in intact families. In A. E. Gottfried & A. W. Gottfried (Eds.), *Redefining families: Implications for children's development* (pp. 11-54). Springer US.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M. & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Robinson, C. C., Hart, C., Madnleco, B., Olsen, S. F., Russel, A., Aloa, V., Jin, S., Nelson, D. A., Bazarskaya, N. (1996). Psychometric Support for a New Measure of Authoritative, Authoritarian, and Permissive Parenting Practices: Cross-Cultural Connections. Paper Presented in Symposium: *New Measures of Parental Child-Rearing Practices Developed in Different Cultural Contexts*,

XIVth Biennial International Society For the Study of Behavioral Development Conference, Quebec City, Canada, August 12-16, 1996.

- Roskam, I., & Meunier, J. C. (2009). How do parenting concepts vary within and between the families?. *European Journal of Psychology of Education*, 24(1), 33-47. doi: 10.1007/BF03173473.
- Rothbaum, F., & Weisz, J. R. (1994). Parental caregiving and child externalizing behavior in nonclinical samples: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 116(1), 55-74.
- Rubin, K. H. & Burgess, K. (2002). Parents of aggressive and withdrawn children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*. (2nd ed.) (Vol. 1). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H. & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50(2), 89-99. doi: 10.1080/00049539808257539
- Russell, G. (2009). Living through Work, Work through Life. In E. J. Hill & D. R. Crane (Eds.), *Handbook of Families and Work: Interdisciplinary Perspectives* (pp. 449-479). UK: UPA.
- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: Atualização. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 17 (2), 144-152.
- Santis, L. & Barham, E., (2017). Envolvimento Paterno: Construção de um Modelo Teórico Baseado em uma Revisão da Literatura. *Trends in Psychology/ Temas em Psicologia*, Vol. 25 (3), 941-953. DOI: 10.9788/TP2017.3-03Pt
- Saracho, O. N., & Spodek, B. (2008). Fathers: the “invisible” parents. *Early Child Development and Care*, 178(7-8), 821-836. doi: 10.1080/03004430802352244.
- Scaramella, L.V., Neppl, T.K., Ontai, L.L., & Conger, R.D. (2008). Consequences of socioeconomic disadvantage across three generations: Parenting behavior and child externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 725-733.
- Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of Family Psychology*, 22, 389-398. doi: 10.1037/0893-3200.22.3.389
- Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent Characteristics and Early Coparenting Behavior at the Transition to Parenthood. *Social Development*, 22(2), 363-383. doi: 10.1111/sode.12014

- Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Frosch, C. A. (2001). Coparenting, family process, and family structure: Implications for preschoolers' externalizing behaviour problems. *Journal of Family Psychology, 15*(3), 526-545. doi: 10.1111/j.1469 7610.2008.02009.x
- Schoppe-Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ho, M. H. (2004). Unidimensional Versus Multidimensional Perspectives on Father Involvement. *Fathering, 2*(2), 147-163. doi: 10.3149/fth.0202.147
- Shaffer, D. (2005) *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo. Thomson Learning. Tradução: Cancissu.
- Silva, A. T. B., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2002). Relacionamento pais-filhos: Um programa dedesenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional, 3*,203-215.
- Simões, S. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família* (Tese de Doutoramento). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.
- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues, 28*(2), 212-241. doi: 10.1177/0192513X06294593
- Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant Mental Health Journal, 21*(1-2), 67-74.
- Sroufe, L.A. (2002). From infant attachment to promotion of adolescent autonomy: Prospective, longitudinal data on the role of parents in development. In J.G. Borkowski, S.L. Ramey, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socioemotional development* (pp. 187-202). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Stright, A. D., & Bales, S. S. (2003). Coparenting Quality: Contributions of Child and Parent Characteristics. *Family Relations, 52*(3), 232-240. doi: 10.1111/j.1741-3729.2003.00232.x
- Tamis-LeMonda, C. S., Shannon, J. D., Cabrera, N. J., & Lamb, M. E. (2004). Fathers and Mothers at Play With Their 2- and 3-Year-Olds: Contributions to Language and Cognitive Development. *Child Development, 75*(6), 1806-1820. doi: 10.1111/j.1467 -8624.2004.00818.x
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras, Portugal: Celta.

- Tremblay, S., & Pierce, T. (2011). Perceptions of fatherhood: Longitudinal reciprocal associations within the couple. *Canadian Journal of Behavioural Science, 43*(2), 99 -110. doi: 10.1037/a0022635
- Uji, M., Sakamoto, A., Adachi, K., & Kitamura, T. (2013). The impact of authoritative, authoritarian, and permissive parenting styles on children's later mental health in Japan: focusing on parent and child gender. *Journal of Child and Family Studies, 23* (2), 293- 302. doi:10.1007/s10826-013-9740-3
- Veríssimo, M. (n.d.). *Ficha de Identificação*. Unpublished manuscript.
- Villalobos, J. A., Cruz, A. V., & Sánchez, P. R. (2004). Estilos parentales y desarrollo psicosocial en estudiantes de Bachillerato. *Revista Mexicana de Psicología, 21*(2), 119 -129.
- Volling, B., & Belsky, J. (1991). Multiple determinants of father involvement during infancy in dual-earner and single-earner families. *Journal of Marriage & the Family, 53*(2), 461-474. doi: 10.2307/352912
- Wall, K. (2010). Os homens e a política de família. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Eds.), *A vida familiar no masculino – Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 67-94). Lisboa: CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Wall, K., & Leitão, M. (2015). Portugal country note. In P. Moss (Ed.), *International Review of Leave Policies and Research 2014*. Available at http://www.leavenetwork.org/lp_and_r_reports/
- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., Steinberg, L., & Fox, N. A. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *J Abnorm Child Pshychology, 37*, 1063-1075. doi: 10.1007/s10802-009-9331-3.
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly, 20*(1), 1-12. doi: 10.1016/j.ecresq.2005.01.007
- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. (2003). Perceived parenting styles, despersonalization, anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences, 34*, 521-532.
- Wood, J. J., & Repetti, R. L. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement. *Journal of Family Psychology, 18*(1), 237. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.237

Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, *63*, 136-154. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x